

O TEMPO

Síntese do Boletim Geometeorológico de A. Seixas Netto válido até às 23h18m do dia 8 de fevereiro de 1970.
FRENTE FRIA: Negativo; **PRESSÃO ATMOSFERICA MEDIA:** 1009,0 milibares; **TEMPERATURA MEDIA:** 29,8° Centígrados; **UMIDADE RELATIVA MEDIA:** 96,3%; **Cumulus** — Stratus — Chuviscos esparsos — Tempo médio: Estável.

O ESTADO

Florianópolis, Domingo, 8 de fevereiro de 1970 — Ano 55 — Nº 16.325 — Edição de hoje 20 páginas — NCR\$ 0,20

DIFAC Limitada Revendedor FACIT

Entrará em funcionamento a partir do próximo dia 16 o estabelecimento "Mundo da Criança", englobando escola maternal, jardim de infância, curso pré-primário, alfabetização, artes e línguas.

O "Mundo da Criança" é supervisionado pela professora Sueli Bittencourt, funcionando na Rua Bocaiuva nº 164. A inauguração do estabelecimento dar-se-á no dia 12 às 9h30m.

DIFAC LIMITADA — Rua Jerônimo Coelho, 325 — fones 30-77 e 27-88.

SINTESE**JOINVILLE**

A Prefeitura de Joinville, através de seu Departamento de Educação e Cultura, promoverá entre 16 e 18 do corrente mês, no Salão São José, o Curso de Filosofia Universal a ser ministrado pelo professor Humberto Rohden.

O Professor leciona, atualmente, filosofia universal e cósmica em São Paulo e Rio de Janeiro, promovendo também palestras e conferências quando solicitado.

As inscrições ao Curso de Filosofia Universal podem ser feitas na Livraria Record ou no Departamento de Educação e Cultura, em Joinville.

PÓRTO UNIÃO

A Câmara de Vereadores de Pôrto União elegeu, entre os vereadores eleitos no pleito último, a sua Mesa Diretora para o exercício do corrente ano.

A Mesa foi constituída tendo como Presidente o Sr. Abílio Heiss, da Arena; como Vice-Presidente o Sr. Eurico Ismael Flenik, do MDB; 1º Secretário o Sr. Lando Rogério Kroetz, da Arena e como 2º Secretário, o Sr. Alcides Oliveira, também da Arena.

O Poder Legislativo Municipal, com a posse dos vereadores eleitos conta com os Srs. Abílio Heiss, Lando Rogério Kroetz, Walter Eggers, Salime Farah, Romeo João Savi, Herbert Bauer e Alcides Oliveira, da Arena, e pelo MDB os Srs. Manoel Germano Bauermeister e Eurico Ismael Flenik.

MASSARANDUBA

As fortes chuvas que caíram no início da semana em todo o Vale do Itajaí, atingiu também o Município de Massaranduba. No levantamento efetuado pela Prefeitura Municipal é constatado o isolamento do Município com a destruição quase total de estradas que o servem e com os saibros existentes nas rodovias arrastados pelas águas.

Verifica-se, ainda a destruição em larga escala da produção de fumo e arroz o que está provocando desespero nos agricultores da região.

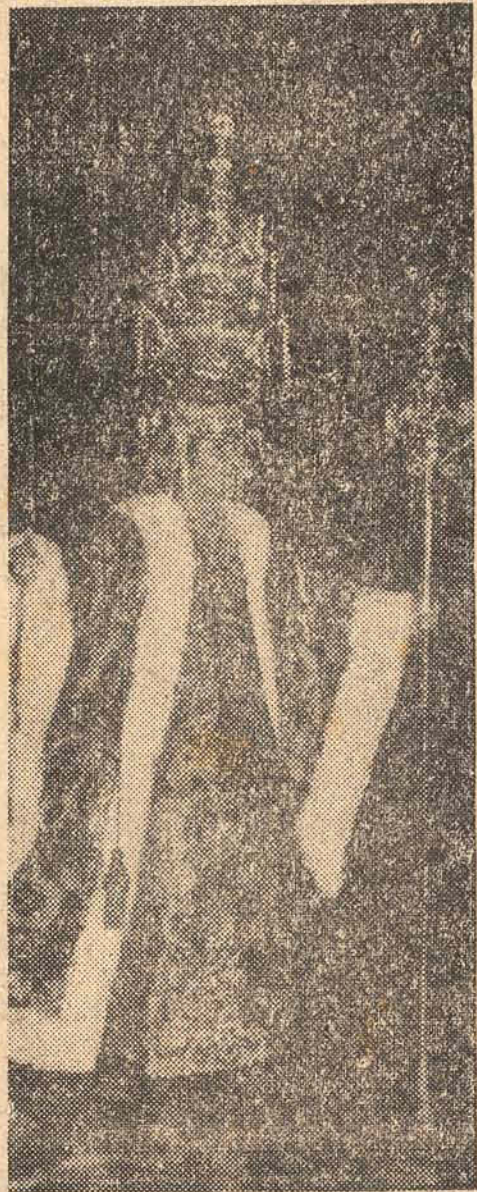
O Prefeito de Massaranduba, deverá apresentar relatório às autoridades no sentido da obtenção de auxílio para cobrir os prejuízos causados e que se mostram avultados.

EMPRESA EDITORA O ESTADO LTDA.

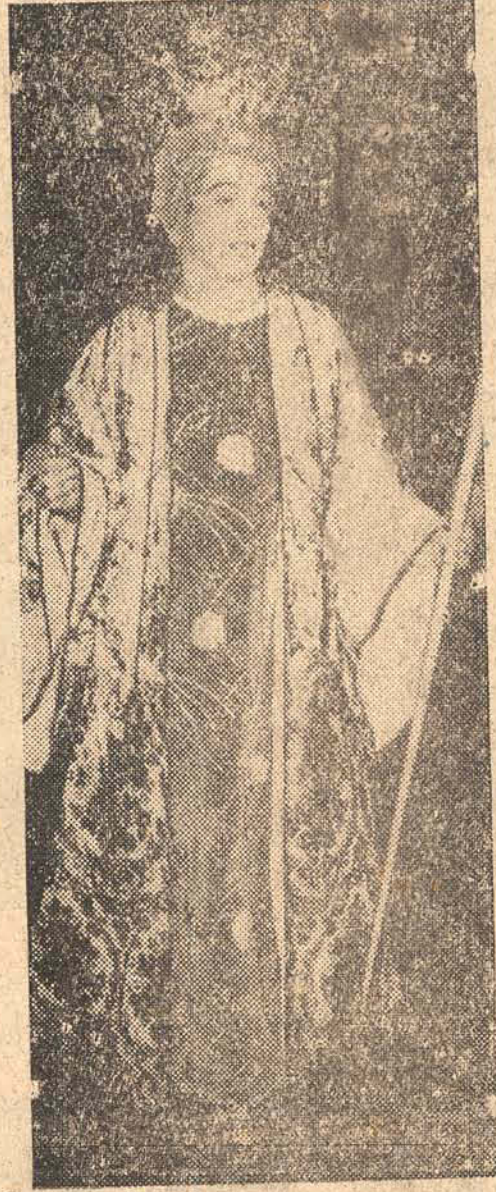
Administração, Redação e Oficinas: Rua Conselheiro Mafra, 160 — Caixa Postal, 139 — Fone 3022 — Florianópolis — Santa Catarina. / **DIRETOR:** José Matusalém Comelli / **SUPERINTENDENTE:** Marcellio Medeiros Filho / **EDITOR:** Luiz Henrique Tancredo / **GERENTE:** Osmar Antônio Schlindwein / **SUB-GERENTE:** Divino Mariot / **REDADORES:** Sérgio Costa Ramos, Antônio Kowalski Sobrinho, Sérgio Lopes e Pedro Paulo Machado — **REPORTERES:** Rodolfo Eduardo Sullivan e Wilson Liborio de Medeiros / **REPRESENTANTES:** Rio de Janeiro — GB — A. S. Lara Ltda. — Avenida Beira-Mar, 451 — 11º Andar, São Paulo — A. S. Lara Ltda. — Rua Vitória, 5 — 3º andar — conjunto, 32 — Pôrto Alegre — Propal Propaganda Representações Ltda. — Rua Coronel Vicente, 456.

Carnaval no fogo com 34,1 graus à sombra

Última página e Caderno 2



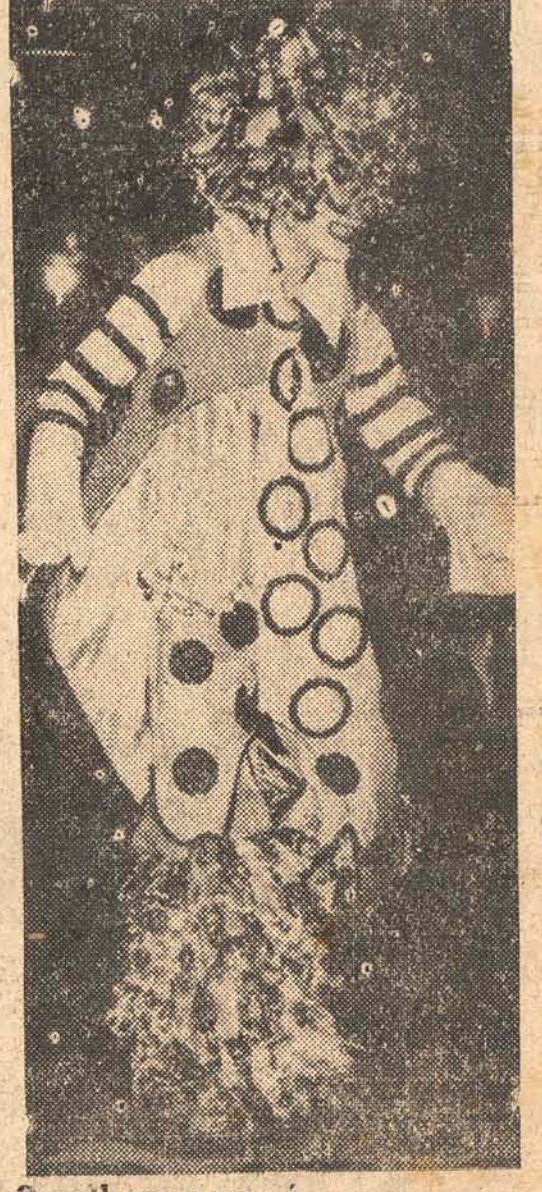
Luxo masculino



Originalidade



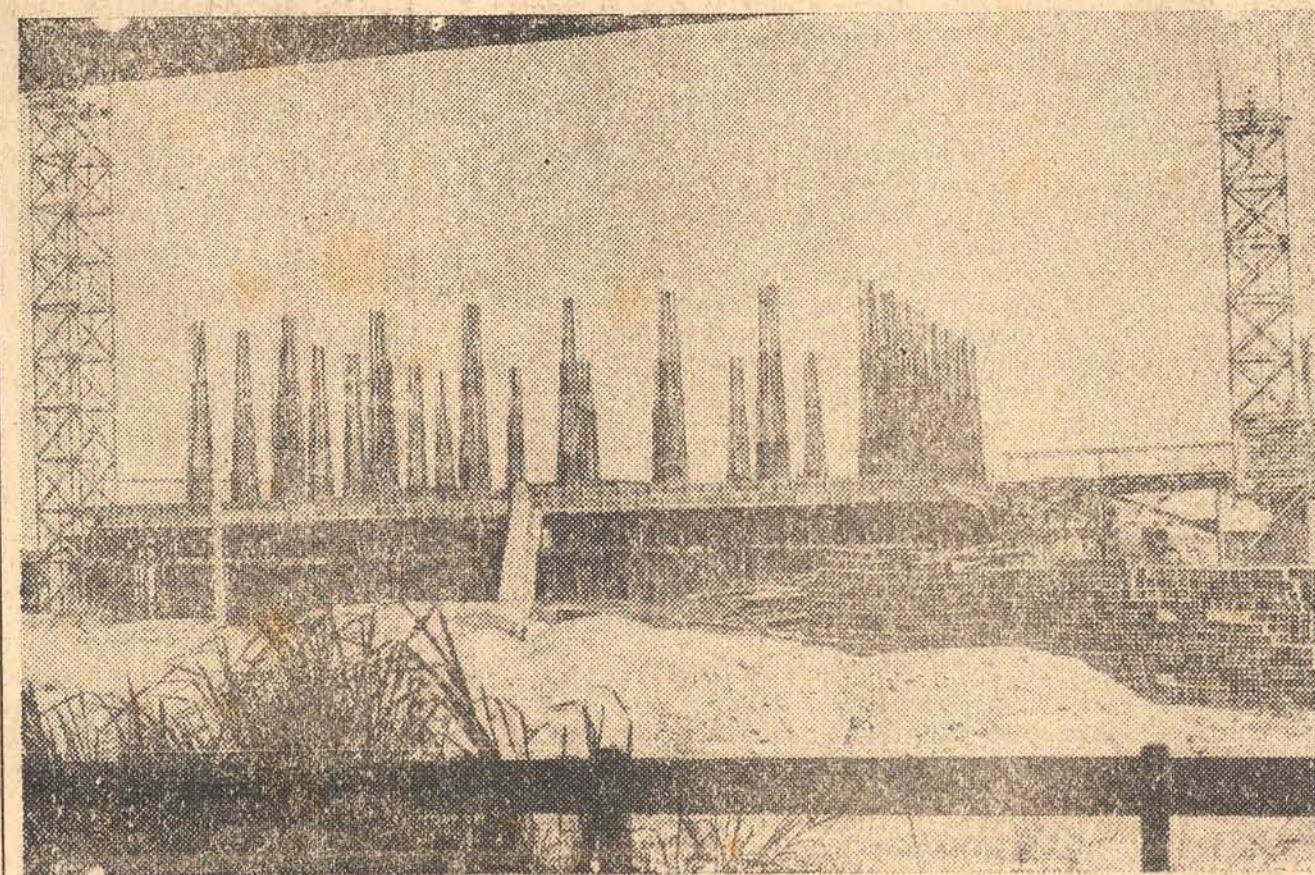
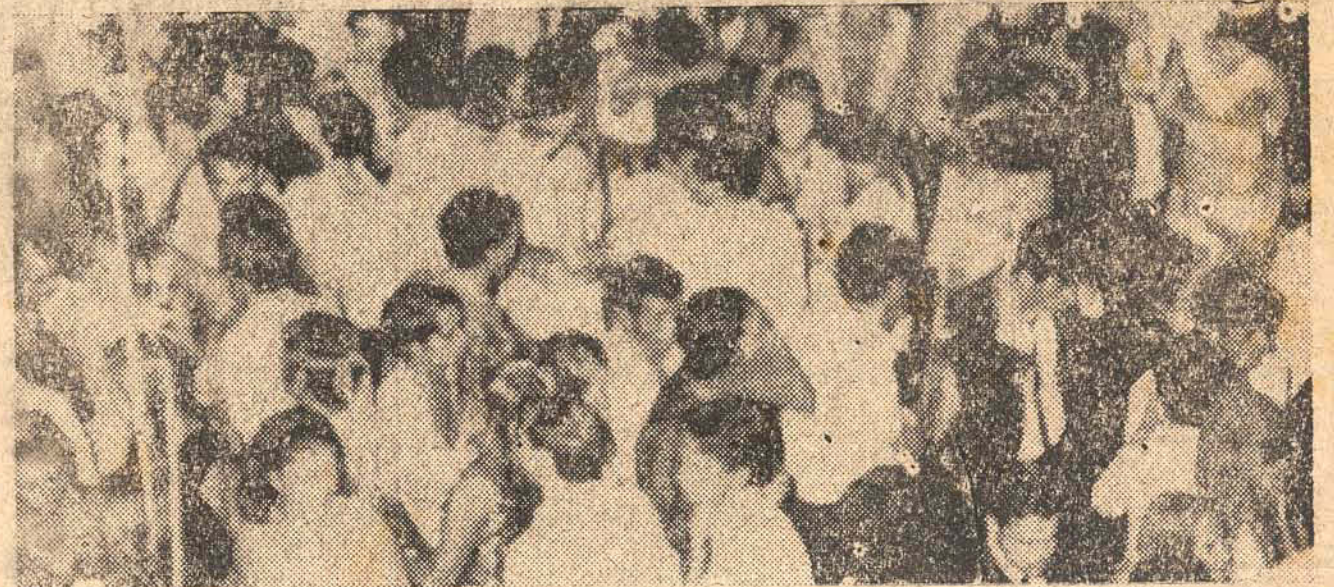
Prêmio especial



O patinho o que é

A ordem é sambar até a quarta-feira

O Baile Municipal abriu o período carnavalesco e os foliões brincaram até o amanhecer. Nos clubes o carnaval é super quente, na animação e na temperatura que ontem chegou a 34,1 graus à sombra. O ímpeto carnavalesco, no entanto, não arrefeceu em nada.

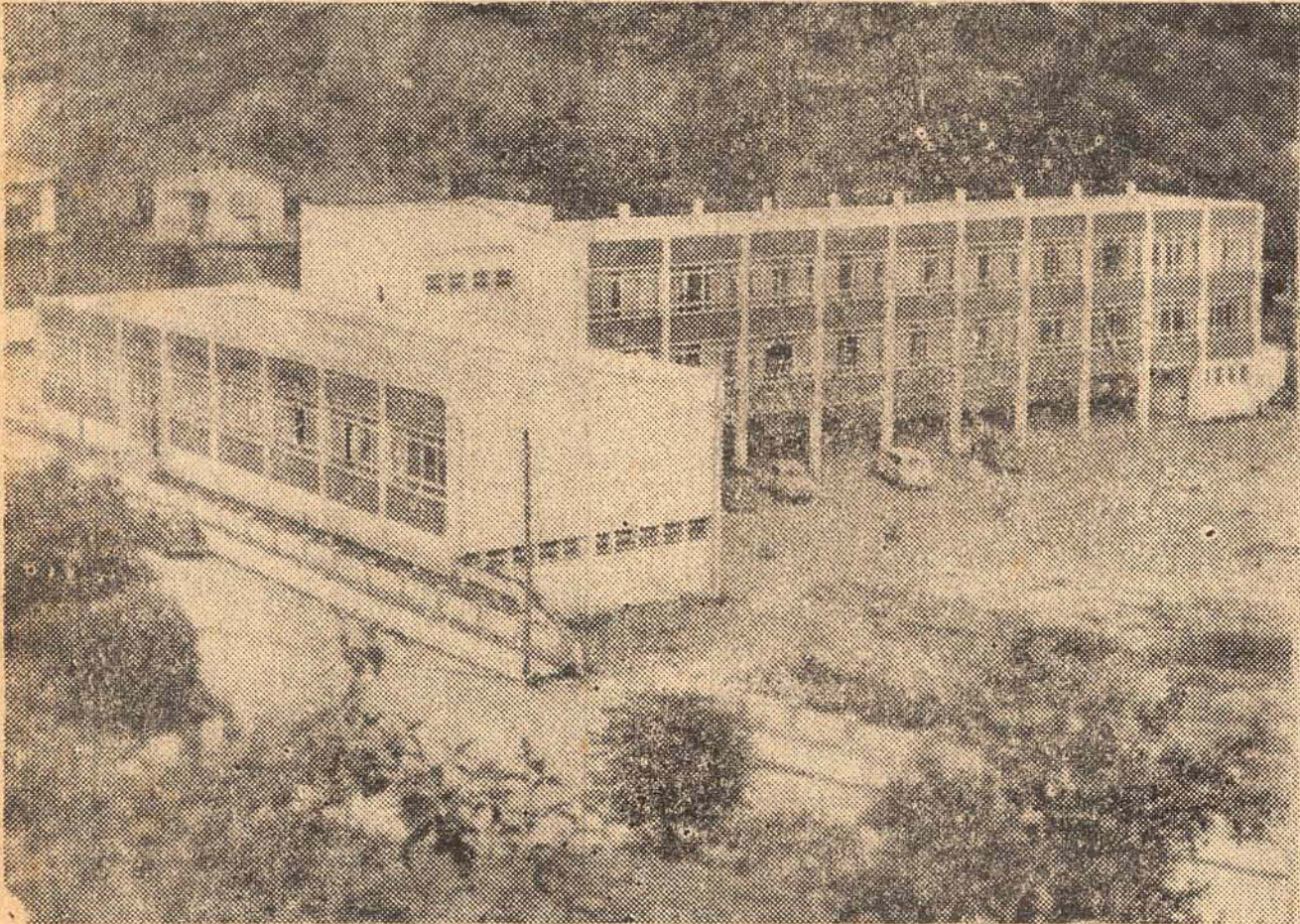
**O Plameg está presente em toda Santa Catarina**

Com a construção do Palácio da Justiça e da nova Assembléia Legislativa, o primeiro em fase inicial e a última praticamente concluída, o Governo do Estado, através do Plameg, proporciona sede condigna aos três Poderes constituídos.

Em todos os municípios de Santa Catarina o Plameg está presente, juntamente com as demais Secretarias de Estado, com as quais mantém a mais perfeita integração, cumprindo a sua meta básica de construir uma Santa Catarina maior, conforme determinação do Governador Ivo Silveira. (Página 2 e 3).

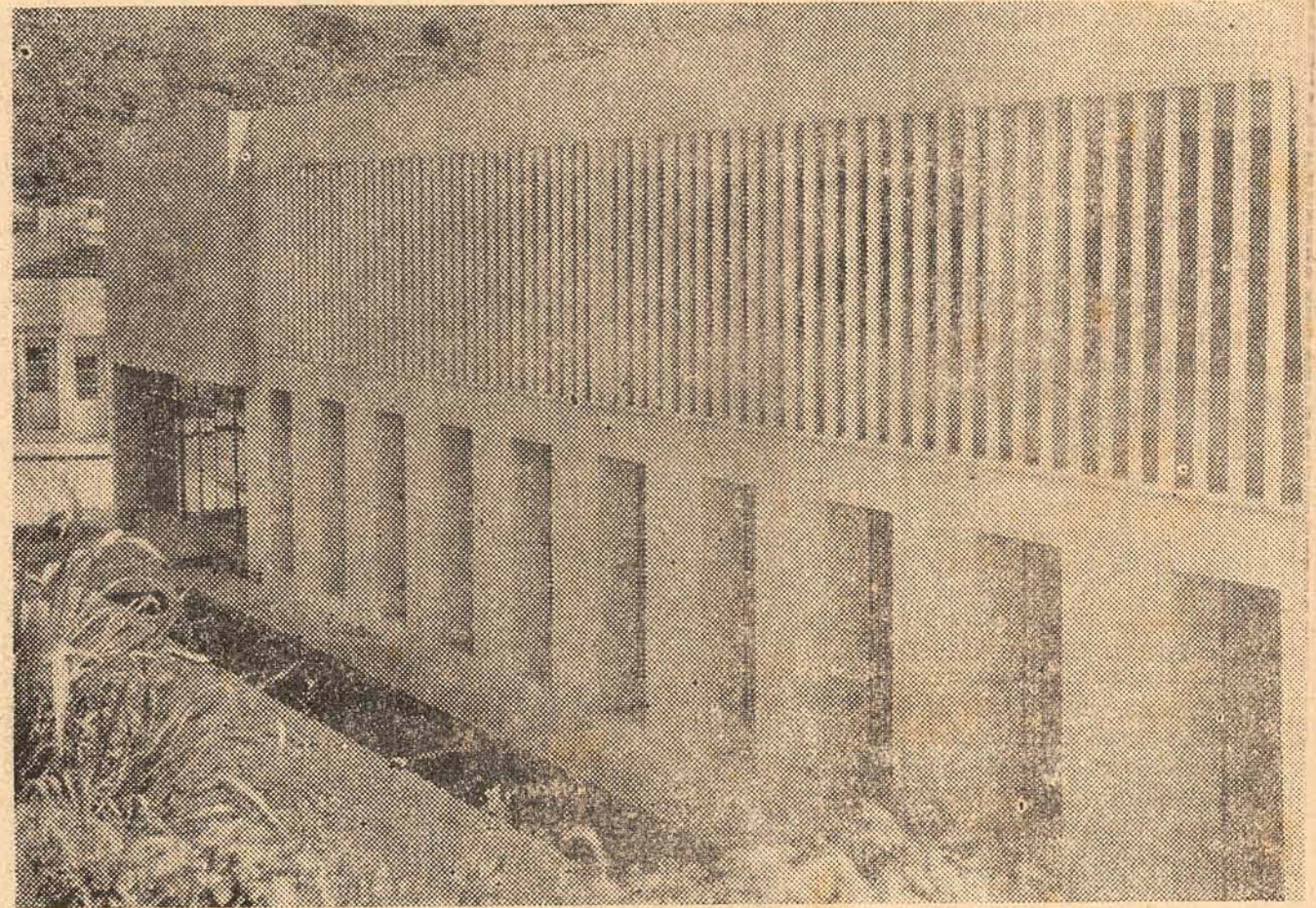
Plameg: onde o planejamento se alia às realizações

Entre todos, o melhor



O setor educacional também é uma das grandes preocupações do Governo do Estado. Centenas de salas de aula foram construídas em toda Santa Catarina e Blumenau ganhou o Grupo Escolar Luiz Delfino, o maior do Estado.

Justiça bem localizada



Interessado em proporcionar condições de trabalho e dignas e condignos o atual Governo construiu vários Foruns do Estado, entre eles o da Comarca de Capinzal.

Progresso se estende por toda Santa Catarina

As obras realizadas pelo Plano de Metas do Governo nos quatro anos da administração Ivo Silveira estenderam-se por todos os municípios catarinenses. Em todos os setores o Plameg esteve presente, trabalhando em conjunto com os demais órgãos oficiais do Estado, buscando, com isso, a completa integração da máquina administrativa de Santa Catarina.

As obras em número de 704, representando um investimento de NCr\$ 39.481.174,66, — distribuídas pelas várias regiões de Santa Catarina e em números, são as seguintes as realizações do Plameg:

LITORAL DE SÃO FRANCISCO

Município	N. de Obras	Valor NCr\$
Araquari	4	260.438,39
Barra Velha	6	254.985,34
Garuva	4	35.500,00
Guaramirim	2	13.990,70
Jaraguá do Sul	3	79.614,90
Joinville	11	1.453.565,24
Massaranduba	2	17.500,00
São Francisco do Sul	6	142.024,53
Schroeder	1	3.000,00
TOTAL	39	2.260.618,30

Dentre as 39 obras realizadas nesta região, destacam-se a construção de 95 salas de aula, além de um Hospital Maternidade em Joinville, um Hospital de Caridade em Araquari e outro em São Francisco do Sul. A cidade de Jaraguá do Sul foi contemplada com a construção de Pavilhão Industrial e a sede municipal de Barra Velha foi totalmente pavimentada a paralelepípedos. Em Joinville, o órgão estadual construiu também o prédio que abriga o Fórum da Comarca e um Ginásio Coberto.

BACIA DO ITAJAI

Agrolândia	7	156.482,33
Agranômica	1	3.000,00
Ascurra	3	104.460,00
Atalanta	1	12.000,00
Aurora	4	84.585,30
Balneário Camboriú	7	245.713,09
Benedito Novo	3	45.000,00
Blumenau	12	1.428.671,65
Botuverá	2	23.795,07
Brusque	10	433.993,07
Camboriú	1	18.000,00
Dona Emma	2	27.500,00
Gaspar	3	65.402,45
Guabiruba	1	25.759,68
Ibirama	4	155.000,00
Ilhotas	2	44.656,84
Indaial	4	387.557,66
Imbuia	4	105.613,77
Itajaí	11	1.733.922,94
Ituporanga	4	52.026,30
Laurentino	3	26.500,00

Lontras	3	15.500,00
Luiz Alves	1	12.000,00
Navegantes	3	87.656,16
Penha	3	61.886,76
Petrolândia	4	27.542,53
Picarras	2	19.495,31
Pomerode	3	125.000,00
Pouso Redondo	5	124.241,97
Presidente Getúlio	4	106.450,88
Presidente Nereu	2	89.284,00
Rio do Campo	4	134.519,00
Rio dos Cedros	3	15.000,00
Rio do Oeste	3	36.240,00
Rio do Sul	8	129.897,78
Rodeio	2	48.184,29
Salete	2	45.000,00
Taió	5	425.841,22
Timbó	1	218.715,25
Trombudo Central	5	130.428,94
Vidal Ramos	1	3.000,00
Witmarsum	3	52.500,00
TOTAL	156	7.088.023,80

Cento e cinquenta e seis obras caracterizam a atuação do Plameg na Bacia do Itajaí onde foram construídas 361 salas de aula. As realizações de destaque nesta zona fisiográfica são as seguintes: Ascurra — pavimentação a paralelepípedos das ruas da sede do município; Atalanta — construção da ponte sobre o Rio Alto Dona Luzia; Balneário Camboriú — construção do Posto de Saúde, implantação do serviço de abastecimento de água e construção do muro de arrimo da praia; Blumenau — construção dos Grupos Escolares Luiz Delfino e Beto Zadron, cada qual com 10 salas de aula construídas dentro da mais moderna técnica educacional e a edificação do Fórum da Comarca local; Brusque — a construção do ginásio de esportes coberto, denominado Governador Ivo Silveira; Ibirama — construção do Fórum; Indaial — construção do Centro Cívico local; Itajaí — pavimentação a paralelepípedos da rodovia que liga o município ao Balneário Camboriú e a construção do ginásio esportivo; Pomerode — construção do Fórum da Comarca; Pouso Redondo — macadamização da SC-23; Rio do Sul — implantação do serviço de abastecimento de água local e a construção do Estádio Municipal; Trombudo Central — construção do Centro Cívico.

ZONA DE FLORIANÓPOLIS

Agua Mornas	3	110.790,69
Angelina	4	107.970,58
Anitópolis	4	74.306,47
Antônio Carlos	1	20.000,00
Biguaçu	5	679.919,39
Canelinha	4	101.096,90
Garobapa	3	93.970,37
Governador Celso Ramos	3	170.985,26
Itapema	4	102.361,91
Leoberto Leal	2	87.740,23
Major Gercino	3	84.500,00

Nova Trento	5	88.890,62
Palhoça	9	602.320,54
Paulo Lopes	4	106.315,86
Pôrto Belo	2	29.000,00
Rancho Queimado	1	10.000,00
Santo Amaro da Imperatriz	7	308.620,77
São Bonifácio	5	93.754,35
São João Batista	6	100.163,04
São José	5	138.294,55
Tijucas	5	175.494,64
Florianópolis	27	8.907.100,74

TOTAL 112 12.193.595,62

O Plano de Metas do Governo realizou 27 obras na Capital, que totalizam 112 computando-se as 85 edificadas na zona fisiográfica de Florianópolis e que engloba 22 municípios. Nesta região, foram construídas 320 salas de aula, sendo que 83 situam-se na Capital e 237 nos demais municípios que integram a zona fisiográfica.

A maior obra que está sendo edificada na Capital, encontra-se em fase de acabamento. Trata-se do novo prédio que abrigará o Poder Legislativo, a partir dos próximos meses, com linhas arquitetônicas mais modernas, contando com uma área construída de 12 mil metros quadrados. Outros destaques na Capital são: construção do novo edifício da Imprensa Oficial do Estado; ampliação do Centro de Pesquisas de Pesca; financiamento para a implantação da 2ª adutora dos Pilões que abastece a Capital; projeto do Estádio Estadual, cuja construção será iniciada brevemente; construção da Casa de Detenção; construção do laboratório central do Departamento de Saúde Pública; Palácio da Justiça do Estado, atualmente em construção; aquisição de equipamentos para o Hospital Celso Ramos; ampliação do Hospital Nereu Ramos; construção do prédio destinado ao Centro Hemoterápico Catarinense (Banco de Sangue) e instalação da Estação Florestal de Rio Vermelho.

Nos demais 21 municípios da zona fisiográfica de Florianópolis, foram as seguintes obras destacadas: Angelina — implantação da rodovia Angelina-Rancho Queimado; Biguaçu — implantação do serviço de abastecimento de água; Itapema — construção do serviço de abastecimento de água local; Palhoça — construção do Fórum da Comarca; Santo Amaro da Imperatriz — implantação do serviço de abastecimento de água.

ZONA DE LAGUNA

Araranguá	6	215.169,89
Armazém	2	20.000,00
Braço do Norte	1	3.000,00
Criciúma	13	818.360,45
Grão Pará	2	31.500,00
Gravatal	6	101.458,76
Içara	5	224.897,46
Imaruí	5	221.222,09
Imbituba	4	79.980,25
Jacinto Machado	3	146.023,85
Jaguaruna	5	143.247,50
Laguna	5	283.315,95
Lauro Müller	6	174.051,99

— Maracajá	2	27.500,00
— Meleiro	4	165.679,24
— Mórro da Fumaça	5	214.530,29
— Nova Veneza	3	50.733,30
— Orleães	4	115.697,08
— Pedras Grandes	1	3.000,00
— Praia Grande	3	62.000,00
— Rio Fortuna	3	70.500,00
— Santa Rosa de Lima	2	16.000,00
— São João do Sul	4	67.500,00
— São Ludgero	3	43.757,75
— São Martinho	4	110.926,71
— Siderópolis	3	148.920,99
— Sombrio	1	45.000,00
— Timbé do Sul	4	43.897,00
— Treze de Maio	4	104.595,53
— Tubarão	12	1.554.479,46
— Turvo	3	96.067,93
— Urussanga	5	120.788,29
TOTAL	133	5.523.801,76

A região fisiográfica de Laguna composta por 32 municípios foi contemplada com 133 obras, com a edificação de 423 salas de aula. As obras de destaque são as seguintes: Criciúma — construção do ginásio de esportes; Imarui — construção do serviço de abastecimento de água; Mórro da Fumaça — construção do Hospital de Caridade e do Centro Administrativo; Siderópolis — implantação da estrada que liga o município com Criciúma; Sombrio — construção do Hospital de Caridade; Urussanga — construção do pavilhão industrial.

ZONA DE CANOINHAS

— Canoinhas	5	404.081,86
— Irineópolis	1	7.500,00
— Itaiópolis	2	68.165,57
— Mafra	8	314.066,74
— Matos Costa	1	3.000,00
— Monte Castelo	2	43.546,47
— Papanova	1	10.000,00
— Porto União	6	454.171,58
— Rio Negrinho	4	462.371,93
— Três Barras	2	80.000,00
TOTAL	32	1.846.904,15

Trinta e duas obras foram realizadas na região, que compreende 11 municípios. Foram edificadas 83 salas de aula e as maiores obras são as seguintes: Canoinhas — construção do Fórum da Comarca; Mafra — construção do Ginásio de Esportes, Maternidade e Casa Rural; Porto União — implantação do serviço de abastecimento de água e construção da Maternidade.

RIO DO PEIXE

— Água Doce	4	89.836,24
— Arroio Trinta	1	45.225,98
— Caçador	3	136.933,09
— Capinzal	4	170.220,11
— Catanduvas	5	155.600,87
— Concórdia	6	490.803,39
— Fraiburgo	2	37.492,35
— Herval D'Oeste	4	52.250,00
— Ibicaré	2	45.292,54
— Ipira	1	10.000,00
— Ipumirim	2	27.900,00
— Itani	2	64.937,75
— Itá	5	46.127,50
— Jaborá	3	55.762,49
— Joaçaba	8	996.864,24

— Lacerdópolis	4	14.000,00
— Ouro	3	54.000,00
— Pinheiro Preto	2	55.000,00
— Piratuba	3	44.820,00
— Peritiba	1	5.000,00
— Ponte Serrada	1	40.000,00
— Presidente Castelo Branco	3	45.708,04
— Rio das Antas	3	115.319,20
— Salto Veloso	1	5.000,00
— Seára	4	80.057,17
— Tangará	4	48.840,94
— Treze Tilias	2	55.000,00
— Videira	6	138.129,88
— Xavantina	2	27.500,00
TOTAL	91	3.153.622,63

Na zona fisiográfica do Rio do Peixe, que engloba 29 municípios catarinenses, foram realizadas 91 obras, construindo-se 188 salas de aula. As maiores obras da região foram construídas nos seguintes municípios: Caçador — construção de um grupo escolar com 10 salas de aulas; Capinzal — construção de um edifício público e o Fórum da Comarca local; Concórdia — construção do Fórum e do ginásio de esportes; Herval do Oeste — implantação do serviço de abastecimento de água; Joaçaba — implantação do serviço de abastecimento de água e a construção do ginásio esportivo; Ponte Serrada — construção do Centro Cívico; Videira — implantação do serviço de água local; Seára — construção da rodovia Seára-Chapécó, que será entregue ao tráfego no corrente ano e tem 41.780 metros, reduzindo o antigo trajeto em 17 quilômetros.

ZONA DO OESTE

— Abelardo Luz	3	89.339,63
— Aguas de Chapécó	1	25.000,00
— Anchieta	2	20.000,00
— Campo Erê	2	66.212,05
— Caxambú do Sul	1	30.000,00
— Chapécó	6	770.080,62
— Coronel Freitas	2	85.262,78
— Cunha Porã	1	37.500,00
— Caibi	2	58.634,70
— Descanso	2	34.289,10
— Dionísio Cerqueira	3	172.549,43
— Faxinal dos Guedes	2	42.500,00
— Galvão	2	82.861,77
— Guaraciaba	1	25.000,00
— Guarujá do Sul	2	13.990,70
— Itapiranga	5	171.762,73
— Maravilha	2	70.638,19
— Modêlo	2	89.041,59
— Mondai	4	146.034,90
— Nova Erechim	1	12.500,00
— Palma Sola	1	3.000,00
— Palmitos	2	74.643,33
— Pinhalzinho	2	143.433,09
— Quilombo	1	27.500,00
— Romelândia	1	17.500,00
— São Carlos	2	60.155,89
— São Domingos	2	46.882,81
— São José do Cedro	2	35.000,00
— São Lourenço do Oeste	1	22.500,00
— São Miguel D'Oeste	4	155.995,00
— Saudade	1	15.000,00
— Vargeão	2	58.529,09
— Xanxerê	5	247.920,97
— Xaxim	3	113.944,82
TOTAIS	75	3.065.203,19

A zona fisiográfica do Oeste compõe-se de 34 municípios onde foram edificadas 75 obras com 429 salas de aula. Dentre outras obras, destacam-se as seguintes: Dionísio Cerqueira — construção do Fórum da Comarca local; Faxinal dos Guedes — construção de moderno hospital; São Miguel do Oeste — construção do Fórum da Comarca e instalação de uma Estação de Beneficiamento de Sementes; Chapecó — construção da Penitenciária Agrícola e início das obras de construção do Hospital Psiquiátrico, que terá capacidade para atender a 500 pacientes, não constante da relação acima.

CAMPOS DE LAGES

— Alfredo Wagner	3	45.500,00
— Anita Garibaldi	4	234.979,34
— Bom Jardim da Serra	3	81.711,77
— Bom Retiro	2	26.500,00
— Campo Belo do Sul	2	47.500,00
— Campos Novos	10	472.598,01
— Curitibaanos	6	427.349,93
— Erval Velho	3	7.500,00
— Lages	16	2.163.265,50
— Lebon Régis	3	114.576,40
— Ponte Alta	2	87.018,63
— Santa Cecília	2	40.000,00
— São Joaquim	3	162.500,00
— São José do Cerrito	1	52.500,00
— Urubici	1	20.000,00

TOTAIS 61

61 obras com 296 salas de aula foram realizadas pelo Governo Estadual na zona fisiográfica dos Campos de Lages, destacando-se entre outras as seguintes: Alfredo Wagner — Hospital Maternidade; Anita Garibaldi — Grupo Escolar com 19 salas de aula e demais instalações complementares construído dentro das mais modernas técnicas educacionais; Campos Novos — Fórum da Comarca; Curitibaanos — Fórum da Comarca; Lages — Centro Educacional, Ginásio de Esportes, Corpo de Bombeiros equipado com modernos carros auto-bombas e Implantação do Serviço de Água do município; São Joaquim — Fórum da Comarca local.

ALTO DO RIO NEGRO

— Campo Alegre	1	19.457,09
— São Bento do Sul	4	346.448,40

TOTAIS 5

Campo Alegre e São Bento do Sul são os dois municípios que compõem a região fisiográfica do Alto do Rio Negro, onde foram realizadas cinco obras, num total de nove salas de aulas. Em São Bento do Sul foi construído o Ginásio de Esportes e em Campo Alegre foi construída a ponte sobre o Rio Turvo.

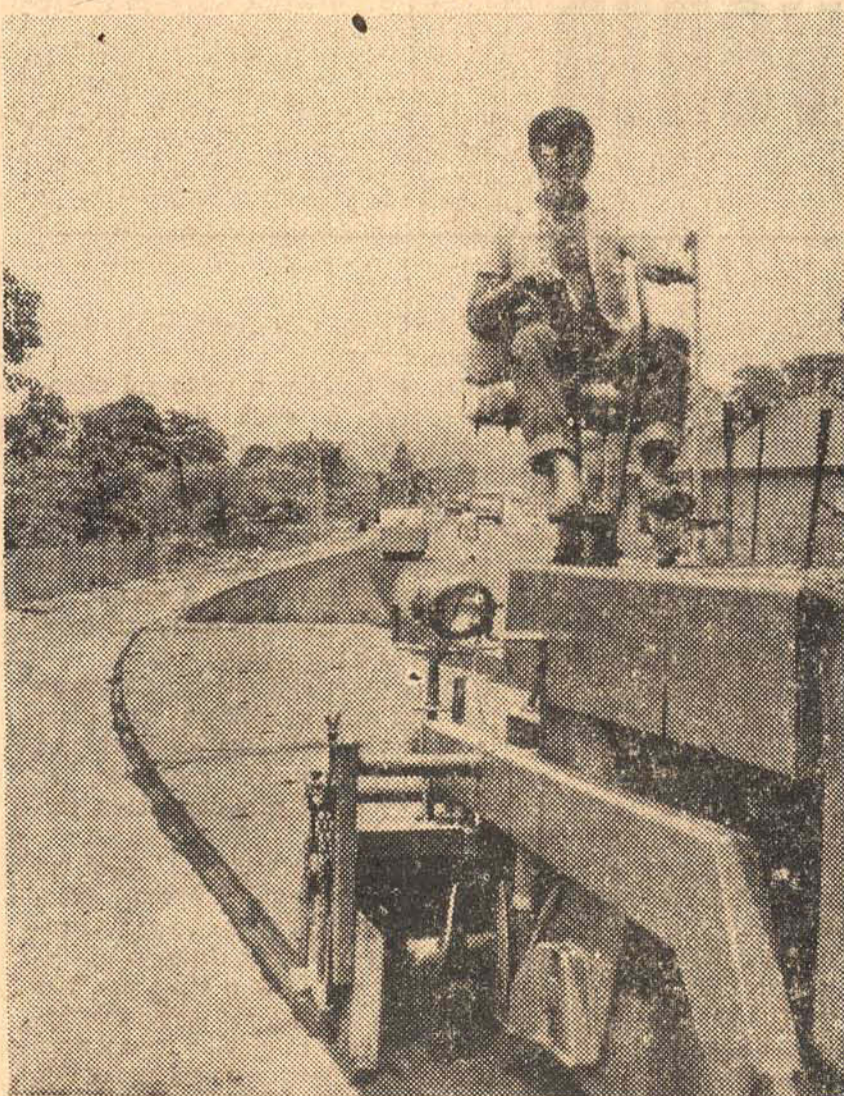
Durante uma semana O ESTADO mostrou aos seus leitores todas as realizações do Plano de Metas do Governo, órgão integrado com as demais Secretarias do Estado, Autarquias Estaduais, Departamentos Autônomos, Sociedades de Economia Mista em que o Estado detenha a maior parcela do Capital, Fundações instituídas pelo Poder Público Estadual e demais órgãos vinculados à administração pública estadual e que participam do programa de desenvolvimento do Estado. Pelo que publicamos demos aos catarinenses uma idéia do esforço desenvolvido pelo Plameg para construir uma Santa Catarina maior, objetivo principal do Governo Ivo Silveira.

Acesso mais fácil



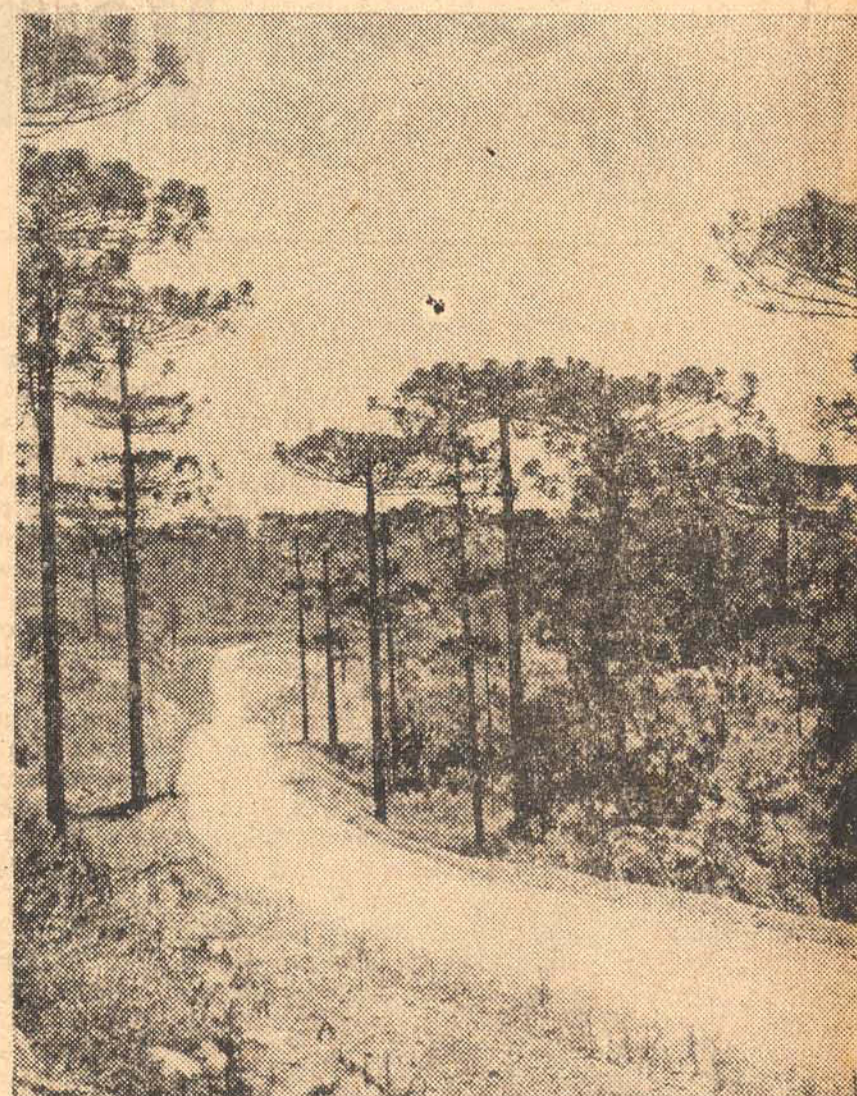
A estrada Lebon Régis-Fraiburgo proporcionou aos habitantes da região uma rápida ligação com a BR-116.

Obra prioritária



A SC-23, estrada de vital importância para o escoamento da produção catarinense, recebeu um grande impulso no atual Governo.

Melhores estradas



O setor rodoviário recebeu prioridade no Governo Ivo Silveira, tendo o Plameg contribuído para a implantação e pavimentação de inúmeras e importantes estradas.

Tem Carnaval

A benfina febre do turismo que aquece as preocupações dos Poderes Públicos e de uma parcela — infelizmente pequena — dos empresários catarinenses, abre perspectivas bastante animadoras para a implantação deste florescente ramo industrial e comercial em Santa Catarina, principalmente depois que medidas de vulto foram adotadas neste setor. Em Florianópolis, particularmente, se bem que as praias sejam uma grande atração turística para gente do interior catarinense e dos Estados vizinhos, a verdade é que a festa máxima da nossa Capital, aquela capaz de atrair milhares de pessoas a um só tempo, é o Carnaval.

Hoje, toda a Cidade está a comemorar-la. Os hotéis continuam recebendo reservas para o período e as casas particulares recebem amigos distantes para uma semana de alegria e divertimento. Fatalmente, aconteceu este ano o que tem ocorrido nos anos anteriores, enchendo-se a Cidade de turistas de vários pontos do

interior e de outros Estados. Serão milhares de visitantes que aqui chegam, dispostos a contagiar-se com a alegria carnavalesca própria do espírito e da tradição do ilhéu.

Não podemos prognosticar se o Carnaval de rua, este ano, se revestirá do brilho e do entusiasmo que se têm verificado nos anos anteriores.

Mas, voltando à participação dos Poderes Públicos na promoção carnavalesca, é de se esperar que, para o futuro, ela se torne mais liberal do que se relaciona aos auxílios concedidos às entidades sociais particulares que fazem realmente a alegria e o brilho do Carnaval de rua. Tem havido progressos ultimamente, mas para assegurar para Florianópolis a primazia de fazer o melhor Carnaval do Sul do País, é preciso que não se deixe cair na rotina e na falta de imaginação as repetidas promoções de todos os anos. Não temam os Poderes Públicos em despende um pouco

mais com as promoções carnavalescas. Estejam certos de que as verbas aplicadas num empreendimento desta natureza fatalmente reverterão em favor do desenvolvimento e da promoção da Capital catarinense. Os milhares de turistas que aqui chegam por ocasião do Carnaval poderão se multiplicar de um ano para o outro, caso os Poderes Públicos deixem apenas de auxiliar para efetivamente promover o Carnaval de Florianópolis, como fonte de atração turística e divulgação da Cidade.

Esperamos que, para o futuro, os esforços até aqui dedicados pela Prefeitura Municipal na organização do Carnaval sejam consideravelmente aumentados e que, de outra parte, o Departamento Autônomo de Turismo do Governo do Estado — que tem à sua frente o talento e entusiasmo jovem do seu Diretor — tome a si, na esfera da sua competência, a tarefa de promover em grande escala o Carnaval que se comemora na Ilha de Santa Catarina.

Prosa de domingo

Há quem empreste ao samba o título de canção tipicamente brasileira. Em Portugal, houve, há alguns anos, quem suscitasse polêmica, defendendo o fado como canção nacional portuguesa. Logo se levantaram, em desfavor da ideia, vozes prestigiosas, na imprensa e na literatura, para repelir a impropriedade que atribuía ao ritmo lânguido do fado o sentido duma expressão musical da alma lusitana. Albino Forjaz de Sampaio foi um dos escritores que, de imediato, protestaram contra o fato de pretender-se que uma canção amolentadora, revelando decadência e cansaço, fosse elevada à prerrogativa de intérprete dum povo heróico, desbraxador de selvas e dominador de oceanos. Não, uma gente cujo caráter positivo se fizera motivo dum poema como "Os Lusíadas" não se refletiria nunca na cadência lânguida e nos versos piegas ao fado.

E o samba também, nos requiebrados a que o seu ritmo convida e na letra que narra pequenos dramas íntimos, tragédias ou desenganos, estará a jeito de representar a alma brasileira ou, melhor, a alma dos Brasileiros? Se o fato não pode ser a revelação das qualidades de um povo, para cujas virtudes másculas apelava o poeta português, dizendo-lhe — "que os muitos por poucos não temamos", — poderá o samba, a canção das mágoas, a irônica saudade das favelas às cidades

faustosas, traduzir, em realidade, aquilo que seria o fundo da sensibilidade ou a sedimentação psicológica dos Brasileiros?

Não somos, na verdade, um povo triste. As marchinhas carnavalescas, os ritmos momescos, esse domínio do burlesco sobre o dramático, essa espontaneidade do riso face a realidade sombria, — tudo isso vale como a explosão de sublimares virtudes duma estoicismo talvez explicável pela nossa formação étnica.

Humberto de Campos, numa das páginas de "Crítica", sustenta que "o Brasileiro não é, absolutamente, um povo triste. O Português é, jovial, festeiro, comunicativo, o saudosismo de que fazem os seus historiadores é mais literário do que popular. O nosso indígena, isoladamente, era, de fato, taciturno. Mas ser taciturno não é ser triste: "O negro, sim, teria a alma voltada para a saudade, nostálgica e impotente. E "se nos faltou a integridade racial dos tipos formadores e nos sobram as mestiçagens dissolventes" — escreve Fernando de Azevedo no seu livro "A Cultura Brasileira" — outros elementos físicos e sociais, como os fatores mesológicos, a vitalidade do primitivo núcleo ibérico, a rápida fusão de raças", tudo isso plasma algo da nossa fisionomia americana.

Euclides da Cunha, viu no caboclo mortista em geral o domador do ambiente

físico, a tempera do homem nacional acalmado ao seu meio. Aliás, fazendo a apologia do silvícola, diz o já citado Humberto de Campos: "Uma raça decadente, inútil, não daria esses grandes capitães que se chamaram Martim Afonso (Ararigóia) e Felipe Camarão (Poti), tão temidos e respeitadores por Franceses e Holandeses, e que causavam espanto aos próprios Portugueses, seus aliados".

O samba, pois, herdeiro romântico da languidez da modinha, mas lembrando o batuque africano, não pode expressar a psicologia brasileira, as indômitas energias duma raça, senão quando, nos seus versos, ressoe a bravura do homem na teimosa luta contra o destino e contra a terra virgem na qual se fixa. E não o fará enquanto se lhe aplique o conceito destes versos de Bilac:

"Es samba e jongo, chiba e fado, cujos acordes são desejos e orfandades de selvagens, cativos e marujos: é em nostalgias e paixões consistes, lasciva dor, beijo de três saudades, flor amorosa de três raças tristes".

Não. O samba somente será bem brasileiro, quando sugerir, por sobre essa preta tara oriunda da miscigenação, a grandeza da função civilizadora que se assinala ao Brasil, à altura da capacidade do homem novo emerso do encontro étnico em solo virgem e majestoso.

Gustavo Neves

Velho vento

"Velho vento vagabundo"... Cruz e Souza pode não ter tido problemas com a sua carapinha, nos dias de vento sul, mas há de ter sofrido a influência que ele exerce, ao longo dos anos, sobre todos nós.

Na minha infância, ele significava mil coisas diferentes. A tarde, a pelada regulamentar ficava irremediavelmente prejudicada. O campo já não ajudava: era um triângulo, com uma das balizas no vértice. Baliza é uma palavra exagerada — eram duas pedras cobertas com as camisetas das fuas de então. Um dia colocaram um poste no centro de uma das áreas e os penaltis (havia muitos penaltis) eram cobrados meio de viés, quase sem ângulo. Penalti, naquela área, valia pouco mais do que um córner. Milagre é que ninguém, pelo menos que eu me recorde, tenha colado o seu nariz no poste, no entusiasmo de uma tabelinha. Quando começaram a falar em "libero" como se tivessem descoberto a pólvora, eu me lembrei do velho poste, precursor ilhéu do moderno futebol-defesa. Em seu abono, diga-se também que era dos mais disciplinados; nunca respondeu aos dribles que recebia com uma jogada mais violenta, uma canelada. Era uma dama.

Mas eu falava do vento, com vento-sul, não havia jogo. Quer dizer, havia, mas não tinha graça. O time que atacava a favor do vento jogava meraramente, já o tiro de meta era um chute a gol. O adversário suava a camisa para ganhar dois palmos de terreno, enquanto que do outro lado era aquela moleza: bumba! Gol! Virava em cinco, e aí o negócio invertia. Na prática era um jogo chato, ganhava quem escolhia o campo.

As noites chuvosas de vento sul! Eu morava no Largo 13 de Maio, aberto a todas as tempestades do mundo. No embate contra as árvores que limitavam a rua, o vento assumia conotações fantasmagóricas, e o seu uivo relava as minhas entranhas — principalmente quando eu vinha do Imperial, depois de assistir "Dick Tracy Contra o Fantasma". "A Sombra Misteriosa" ou "O Filho de Frankstein".

Para soltar pandorga, era o fino. Nos ciclos da pandorga, todos esperavam, aflitos, o vento sul. Pandorga que se prezava só ia aos ares no bôjo desse vento. Havia até uma disputa sobre o recorde de distância, em pandorga. Pandorgas que teriam visitado os céus da baía norte, mas não confirmo. Na altura

do Colégio Coração de Jesus, sim, disso me lembro.

Falar no Colégio, o vento sul oferecia, em relação à saída das meninas, uma vantagem e uma desvantagem. A desvantagem era a desordem que se estabelecia em nossos caprichados penteados, elaborados com cansativa minúcia e toneladas de gumex; a vantagem, as dezenas de escoçantes saias, a revelar, a constituição infra-estrutural de nossas amadas, tão lindas e tão jovens.

Não há quem não reclame do vento sul. Nos seus dias, os diálogos se iniciam com a expressão contrafeita — "mas que vento!" Se um forasteiro, entretanto, se apodera do vento sul para depreciá-lo, torna-se logo antipático.

"Era um dia de vento sul" — é um florianopolitano falando. Lá fora, "vento sul" é uma espécie de senha secreta conhecida apenas pelos que detêm o privilégio de receber nas faces o seu sopro. Nas outras partes os ventos são anônimos, impessoais. Aqui, é com orgulho impante que declaramos aos não-cientes que se trata de um vento sul. Não é um vento qualquer, de maneira nenhuma. É o nosso velho vento, vagabundo...

Paulo da Costa Ramos

TRIVIAL VARIADO

Marcílio Medeiros, filho.

CARNAVALIA DESVAIRADA

Eu sou um e todos os mascarados que anoitecem nas ruas atrás dos blocos de "sujo", a engrolar pela Cidade os sambas mal compostos dos desconhecidos compositores, cronistas da vida e poetas da dor. Eu sou aquele que está sentado à mão direita de Lagartixa, Rei Momo, primeiro e único, senhor da folia e divindade obesa da alegria. Sou bateria e mestresala dos Protegidos, destaque no Copa e passista dos Filhos do Continente, homem das máquinas dos Granadeiros, marajá da Índia dos Tenentes do Diabo.

Minha fantasia é universal, "hors-concours" de todos os desfiles. Do Miramar ao Municipal, estou na festa, puxando os cordões e regendo os pistons e os trombones da orquestra. Pierrô que chora e malhaço que ri, pelas mãos conduz colômbinas e baianas coloridas, me deixando envolver nos seus babados e nas suas contas, cetim e ouro, luz dos salões engalanados da Cidade. Confetis e serpentinas se derramam pelos caminhos onde passo na maratona de quatro dias e quatro noites de intenso Carnaval. Meu suor escorre pela sargeta, desce a Praça 15 e se mistura com as águas da Baía-Sul, sal com sal.

Atravesso as madrugadas rompendo a Avenida, pulando na poeira dos terreiros e respirando o ar poluído dos salões. Refresco a garganta com o álcool que me pagam nos botecos e nos bares sofisticados, dádiva carnavalesca que só acontece de ano em ano, como agora. Músico e cantor, o povo dança conforme o meu som e então no tom menor da minha voz fatigada, porém incansável no seu cantar de fevereiro.

"Quanto riso, quanta alegria, mais de mil palhaços no salão. Arlequim está chorando pelo amor da Colombina, no meio da multidão". E a massa compacta que inunda os salões e as ruas se entre-escorre no roçar dos corpos suados, loucamente frenética no cumprimento do seu dever folião. Mais que nunca é preciso cantar.

Raia o sol e rompe o dia, estou eu como no primeiro minuto, de pé pelo Carnaval, incito no cansaço e alma aberta à alegria. Não me abalo o desânimo, nem me afeta o correr das horas. Primeiro a entrar, serei o último a sair dos salões na quarta-feira de Cinzas para receber em tempo, com meu bom dia, na porta do xadrez, os participantes do Baile da Fossa, animado pela excelente orquestra do Capitão Pacheco e seus Batutas, em vetusto prédio das imediações do Colégio Coração de Jesus, festa na qual o número de "leões de chácara" se equivale ao número de foliões. Até quarta.

CAMPO LIVRE

Parece que, finalmente, está definida a questão da candidatura de vários governadores de Estados a postos legislativos, nas eleições deste ano. Segundo as últimas informações procedentes de Brasília, o Presidente Médici não teria feito, não está fazendo, nem fará qualquer recomendação aos Chefes de Executivos estaduais no sentido de não se desincompatibilizarem com vistas a uma eleição para o Senado em novembro próximo. Tanto assim que o Deputado Rondon Pacheco dirá aos governadores do Nordeste, a partir do dia 13, que não há impedimento algum nesse sentido.

Assim sendo, o campo se apresenta totalmente livre para o Governador Ivo Silveira se candidatar ao Senado. Ninguém ignora que há vários meses o Governador pensa nessa possibilidade e só deixará de se candidatar se sobrevier algum problema de muita importância em relação à escolha do seu sucessor.

GALLOTTI TEM ALTA

O Ministro Luiz Gallotti deixou ontem a Casa de Saúde São José, em Botafogo (RJ), após permanecer internado pelo espaço de uma semana, para tratamento de um mal que afetou a sua perna esquerda.

O Ministro Luiz Gallotti permanecerá no Rio em recuperação do enfarte que sofreu em dezembro, quando viajava de Brasília para o Rio. Em abril pretende reassumir seu cargo no Supremo Tribunal Federal.

RECURSO

Coube ao Ministro Aliomar Baleeiro ser o relator do mandato de segurança requerido pelo ex-Deputado Osmer Dutra, pretendendo anular o Decreto baixado pelos Ministros Militares que subs tituíram o ex-Presidente Costa e Silva por ocasião da sua enfermidade, confiscando vários bens do parlamentar catarinense: Sidesc.

VITÓRIA TRICOLOR

Justificadamente feliz anda

Osni Damiani. E não é para menos: seu filho, José Henrique, acaba de ser aprovado nos exames vestibulares para o Instituto Técnico da Aeronáutica (ITA), certamente o mais rigoroso de todo o País. José Henrique foi o único estudante catarinense que se classificou (e muito bem) para uma das 110 vagas do ITA, às quais concorreram candidatos de quase todos os Estados, em número superior a dois mil.

Trata-se, sem dúvida alguma, de mais uma brilhante vitória tricolor.

A PRIMEIRA NA UFSC

A média de aprovação mais alta do vestibular da UFSC coube a uma holandezinha naturalizada brasileira, de nome Mariette Joanna Clara Maria Van der Sande, que chegou ao Brasil com seis

anos de idade, em 1958. Seus pais são veterinários, mas ela pretende seguir a Medicina para se dedicar à psiquiatria. Gosta de teatro e artes plásticas. Fala Português sem nenhum sotaque, conhecendo ainda o Holandês, o Inglês e o Francês. É muito simpática, se ainda não bastasse.

DÍVIDAS

As escolas de samba, por seus diretores, bem como as demais sociedades carnavalescas, asseguraram que os auxílios conseguidos para a festa deste ano não dão para cobrir as despesas que tiveram de fazer para a sua apresentação ao público, nas noites de hoje e de amanhã.

BB NA I TROPÍ

Nada mais provável que a vinda de Brigitte Bardot a Florianópolis no mês de março, para um "show" que terá a duração de uma hora e meia, o qual, em princípio, poderá ser levado nos salões do Clube 12 de Agosto, numa promoção da TV-Coligações, de Blumenau.

Caso cheguem a bom termo os entendimentos, Florianópolis será a única cidade em que BB apresentará seu "show" no Brasil, depois do Rio de Janeiro, "of course".

Brasil quer exportar em 1973 US\$ 500 milhões em minério

Um conjunto de incentivos está em estudos nos Ministérios do Planejamento, Fazenda e Minas e Energia visando elevar as exportações de minérios a US\$ 500 milhões (NCR\$ 2.205 milhões) em 1973.

A dificuldade, segundo técnicos do Ministério do Planejamento, é que sobre minérios incide um único imposto, cujo produto é quase totalmente entregue aos Estados e Municípios, sendo difícil modificar essa variável, sob pena de acarretar graves prejuízos àquelas unidades e subunidades da Federação.

SOLUÇÃO

Por isso estão tentando outra forma para encontrar os incentivos necessários ao incremento das exportações de minérios. Uma delas seria a recomendação para que se altere o sistema de cálculo da quota de exaustão das jazidas, o que diminuiria sensivelmente os custos do produto.

Informou o Ministério do Planejamento que os incentivos imaginados permitirão ao Brasil ul-

trapassar a barreira dos US\$ 3 bilhões (NCR\$ 13.230 milhões) no total das exportações. Os estudos deverão estar concluídos dentro de alguns dias.

CACEX FIXA META DE US\$ 3 BILHOES EM 70

O diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, Sr. Benedito Moreira, assegurou que o Brasil baterá este ano, novo recorde de exportação, a exemplo do que ocorreu no ano passado, devendo alcançar a cifra de 3 bilhões de dólares.

Quanto aos manufaturados, lembrou que há cinco anos as exportações desses produtos registravam um valor de 30 milhões de dólares. (NCR\$ 132 milhões), enquanto no ano passado já alcançaram 280 milhões de dólares. Para 1970, o Sr. Benedito Moreira previu a importância de 400 milhões de dólares (NCR\$ 1,7 bilhão).

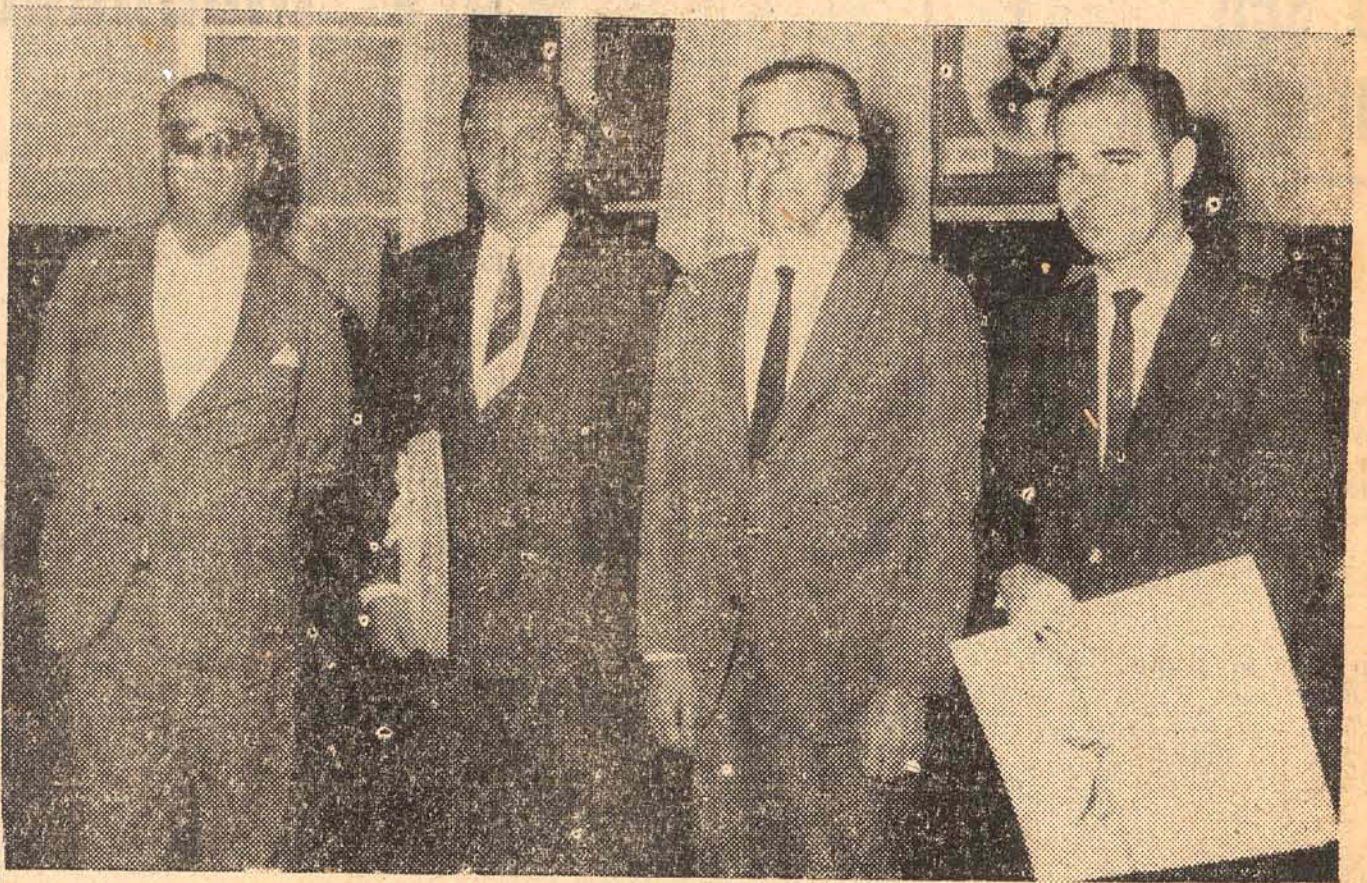
O diretor da Cacex salientou, no ciclo de palestras sobre problemas brasileiros, promovido pelo

Rotary Clube de São Paulo, a preocupação governamental em incentivar a importação, diante de sua importância no processo de desenvolvimento nacional, pois é ela que dá ao país capacidade de comprar no exterior.

Informou que o Governo tem novos planos para incentivar ainda mais a exportação, e nesse sentido, já se estuda a retirada do âmbito da Cacex das guias de exportação, a fim de passá-las aos bancos particulares, com a finalidade de incentivar o empresário exportador nacional.

O Governo, segundo disse, pretende consolidar os benefícios fiscais existentes, como as isenções e empréstimos dos impostos sobre produtos industrializados e sobre circulação de mercadorias que visam a ajustar os custos das empresas nacionais aos do campo internacional. Anunciou também que será lançado brevemente um anuário de exportação, bem como uma revista de orientação do mercado externo e outros meios de promoção das exportações.

CIDADÃO DE MÉRITOS



Flagrante colhido na Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí, quando o Sr. Hilário Fuck, recebia o título de cidadão, vendo-se ainda o Sr. Paulo Bauer, o Prefeito Carlos de Paula Seara, e o Dr. Luiz Moreira Cacciani, Juiz da Junta de Conciliação e Julgamento.

Presidente da Sul Atlântico de pesca é cidadão Itajaíense

Por decisão unânime da Câmara de Vereadores de Itajaí, foi concedido o título de "Cidadão Itajaíense" ao Sr. Hilário Henrique Fuck, Diretor-Presidente da Sul Atlântico de Pesca S.A., indústria pesqueira local.

Radicado há muitos anos em Itajaí, o Sr. Hilário Fuck havia sido distinguido, em 1966, quando mais ligado ao setor madeireiro onde exerceu funções de relêvo, como o "Industrial do Ano".

Muito embora, àquela época, já estivesse ligado à pesca, somente passou a dedicar-se de maneira exclusiva à mesma em meados de 1968.

De tal forma desenvolveu suas atividades no setor que, em reconhecimento às novas técnicas, ao empenho e dinamização aplicados, fatores que vieram dar novo impulso à indústria pesqueira de Itajaí, a Câmara de Vereadores resolveu outorgar-lhe o título de "Cidadão Itajaíense", tornando-o, assim, o primeiro industrial da pesca detentor do mesmo.

Na oportunidade o Sr. Hilário Fuck, pronunciou o seguinte discurso, que publicamos na íntegra:

"Seria pouco dizer-lhe o carinho da gratidão e do reconhecimento que devo a esta cidade. Cidade que posso dizer ser minha, pois, tendo sido meu berço por escolha, transformou-se, hoje, pelo voto de cada um dos senhores, em berço de amor e de direito. Senhores, não é demais agra-

decer. Sei que é pouco, muito pouco, pelo menos para mim, qualquer palavra no sentido de retribuir a consideração e gentileza que demonstraram ao escolher meu nome como "Cidadão de Itajaí". Muito pouco, senhores, por que tão subida honra partiu do que de mais representativo e nobre há entre os homens desta terra e que, certamente, são dignos e merecedores de palavras mais altas, mais pujantes e mais vibrantes.

Mas, senhores, eu devo agradecer. Simplesmente agradecer. Como se agradece ao presente dado por um filho, uma esposa ou um pai. E é por eles que falo e agradeço: por meus filhos, por minha esposa e por meus pais.

Por meus filhos, senhores, aos quais, dia a dia, transmito um pouco do muito amor e carinho que recebo nesta cidade. Por meus filhos, senhores, que vejo crescendo e amando e sofrendo e vivendo o crescimento, o amor e o sofrimento desta terra. Por meus filhos, senhores, que foram os primeiros, em minha Casa, a correr e abraçar o pai orgulhoso e feliz que saíra tranquilo para o trabalho de todos os dias e voltava "Cidadão de Itajaí". Por meus filhos, senhores, que amam esta terra muito mais do que seus pais, pois a amam por cada um deles. Por meus filhos, senhores, que, estou convicto, continuarão a humilde obra começada por mim nesta cidade e a

levarão adiante, colaborando desta forma para firmar a imagem da Itajaí grande, da Itajaí menor, da Itajaí do futuro com que sempre sonhamos e que temos certeza se transformará numa realidade.

E', ainda, senhores, por minha esposa, que falo e agradeço. Por esta mulher simples e forte que me acompanha nas incertezas e vitórias. Por esta mulher, senhores, filha desta nobre terra, que desenvolveu em mim grande parte do afeto que tenho por Itajaí. Por esta companheira, senhores, que nos momentos difíceis — e todos nós temos tais momentos em nossas vidas — demonstrou a bravura, o orgulho a fé e a nobreza da mulher Itajaíense. Por esta amiga, senhores, mãe de meus filhos, que me acompanha nas horas de tristeza e me controla nas horas de euforia. Por esta mulher, senhores, hoje toda orgulho merecida, minha amiga e companheira, é que falo, também; e agradeço.

Finalmente, senhores, é por meus pais que agradeço. Pela dedicação, pelo amor e pelo carinho que sempre deram a esta terra. Por meus pais, senhores, que fizeram despertar em mim toda esta infundável alegria que é a de viver e querer bem a Itajaí. E' por eles, também, senhores, que falo e agradeço.

Saberei honrar este título, Itajaí. Muito, muito obrigado por tudo".

Aprovado Projeto de Expansão da Sul Atlântico de Pesca

Com um volume de exportações, no ano que passou, superior a US\$ 700.000,00, a Sul Atlântico de Pesca S. A., indústria pesqueira de Itajaí, SC, teve seu projeto de ampliação aprovado pela Portaria nº 35 de 9 de janeiro do corrente ano, assinada pelo Superintendente da SUDEPE, Almirante Nunes de Souza.

Assim, o projeto aprovado alcança a cifra do NCR\$ 36.648.871,00, o que permite, dentro de curto prazo, a consecução do plano de expansão daquela empresa, que prevê, entre outros itens, a duplicação de suas instalações industriais e multiplicação da frota pesqueira própria, facilitando,

desta forma, um melhor atendimento às solicitações sempre crescentes dos mercados interno e mundial, em particular dos Estados Unidos e Japão.

TECNICOS EM SÃO PAULO E RIO

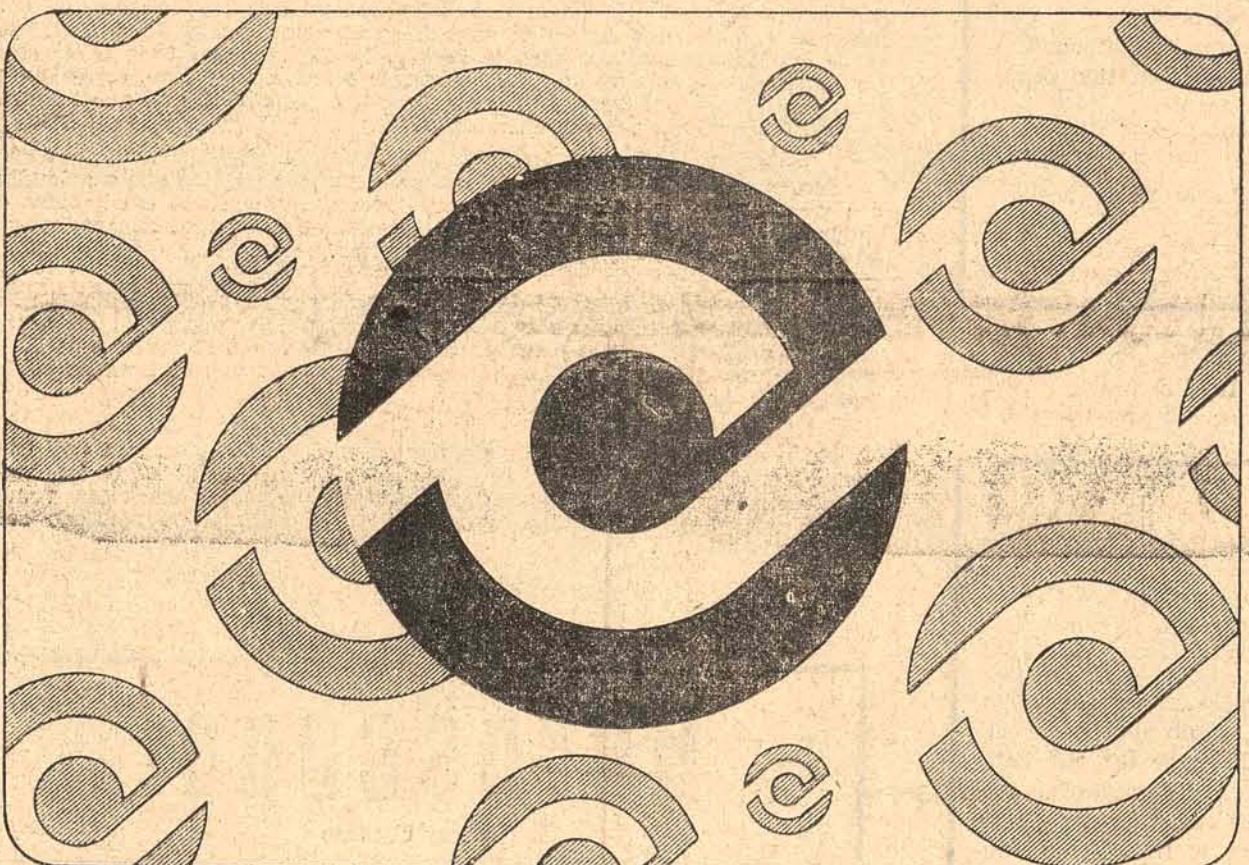
Em prosseguimento ao plano de expansão da Sul Atlântico de Pesca S.A., indústria pesqueira de Itajaí, encontram-se no Rio, de onde seguirão para Santos, os Srs. Paulo Silva e Antônio Teixeira de Moraes, Diretor e técnico, respectivamente, do Bureau de Racionalização CP Ltda., firma de planejamento e assessoria

contratada por aquela indústria para desenvolver e acompanhar seus projetos de expansão.

Tais técnicos, em sua viagem, estão percorrendo e inspecionando estaleiros do Rio e Santos, onde se encontram, em fase final de acabamento, as novas unidades pesqueiras adquiridas pela Sul Atlântico de Pesca.

Tais unidades, somadas às já existentes, totalizarão cinquenta barcos, aumentando a capacidade de captura própria da empresa, permitindo-lhe, desta forma, melhor atender ao volume sempre crescente de solicitações do mercado mundial.

CRESCEMOS... ...E MUITO!



Agora sob o controle acionário do Governo do Estado, através do BDE revitalizamos nosso capital e as Letras de Câmbio de nosso aceite adquiriram muito mais garantias.

Você pode contar com 41 agências bancárias do Banco do Estado de Santa Catarina S/A, que estão à sua disposição para financiamentos, aplicações e liquidação dos nossos títulos

SÃO RECURSOS CATARINENSES PARA S. CATARINA



SANTA CATARINA EM TEMPO DE PAZ E PROSPERIDADE

A PIONEIRA

CIA. CATARINENSE
DE CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTOS

RUA ANITA GARIBALDI 10

qualidade transformada em som: auto-rádio

BLAUPUNKT

um produto do Grupo BOSCH

SOLID STATE

AMPLA REDE DE ASSISTENCIA TÉCNICA

9 LOJAS

O seu programa

CINEMA

SÃO JOSÉ

13,30
Gianni Morandi — Laura Efrigan

AJOELHADO A SEUS PÉS

Censura 5 anos
15,45 — 19,45 — 21h45m
Jô Soares — Paulo Villaca — Helena Ignaz

A MULHER DE TODOS

Censura 18 anos

RITZ

10 horas

AJOELHADO A TEUS PÉS

Censura 5 anos
14 — 16 — 19,45 e 21h45m
Paul Newman — Robert Redford — Katharine Ross

BUTSCH CASSIDY

Censura 14 anos

ROXY

14 — 16 e 20 horas
Franco Franchi — Ciccio Ingrassia

MAGNIFICOS TOUREIROS

Censura 5 anos

GLÓRIA

14 horas
Tony Curtis — Terry Thomas
OS INTREPIDOS HOMENS EM

SEUS CALHAMBEQUES MARAVILHOSOS

Censura 5 anos
16 — 19,45 horas
Richard Harris — Vanessa Redgrave — Franco Nero

CAMELOT

Censura 14 anos

IMPERIO

14,30 — 17 e 20 horas
Gian Maria Volonte — Pamela Tudor

BAL A UMA MORTE

Censura 14 anos

RAJA

14 — 17 e 20 horas
Damiano — Damiani
GRINGO

Censura 10 anos

TELEVISÃO

TV COLIGADAS CANAL 3

12h00 — Concerto Para a Juventude
13h00 — Municipios em Revista
14h00 — Cinema de Aventuras
15h30m — Domingo no Parque
16h30m — As Noivas Chegaram — Filme
17h30m — Buzina do Chacrinha — Musical
19h00 — Domingo de Gala
20h00 — A Hora é de Graça
21h30m — Repórter Garcia
21h45m — Os Violentos — Filme
22h45m — Grande Cinema
00h15m — Crônicas da Noite

TV PIRATINI CANAL 5

18h00 — Erontex Copa 70 — Transmissão direta da Guanabara Via Embratel
21h00 — Lancer — Filme
23h30m — Cinema no 5

TV GAUCHA CANAL 12

17h00 — Daktari — Filme
18h00 — O Doze da Sorte — Com Ivan Castro (O Gordão)
21h00 — Ringuedoze — Luta-Livre
23h30m — Revista Esportiva Doze

RESTAURANTES

Restaurante Rosa

Aberto até às 2 horas da madrugada.
Especializado em filet — peixe — camarão.
Quinta-feira — feijoada.

Cantina Pizzaria, 47

Rua Trajano, 47
Pizzas — Panquecas — Ravioli — Lasagna — Guochi e a La Carte.

Zury Machado

Com chuva ou sem chuva, a Avenida Mauro Ramos será a passarela do Carnaval 70, em nossa cidade.

O Brigadeiro e senhora Dario Azambuja estão veraniando no sofisticado balneário de Cabeçadas.

Será na próxima semana com elegante coquetel no Santacatarina Country Club, o lançamento do "Motel Club dos Militares". A promoção de âmbito nacional, contará com a presença de destacadas personalidades.

Hercília Catarina Luz, foi beleza comentada em recente jantar, realizado no Santacatarina Country Club.

Desde sexta-feira está circulando em nosso Carnaval o tão discutido Odair Ramos.

Quinta-feira, o novo Presidente do Clube Social Paineira Mauricio Amorim, promoveu a comentada "Noite do Terror".

Ontem, o clube Doze de Agosto escolheu a sua Rainha do Carnaval 70. Hoje, escolherá a mais linda fantasia.

O Lira, com o Carnaval na Colina, amanhã, escolhe a fantasia luxuosa de seu Carnaval. Terça-feira será eleita a Rainha do comentado Carnaval do Lira Tênis Clube.

A direção da Revista "Quatro Estações", editada em Curitiba, pensa e uma promoção, com gente importante de nossa cidade.

Conceição Maria Mussi Maia e Roberto Sam-

ways, dia 21, às 18 horas, na capela do Divino Espírito Santo receberão a benção matrimonial. A recepção aos convidados acontecerá no Santacatarina Country Club.

Tania Braga é um broto bonito da sociedade de Caçador, que está circulando muito bem acompanhada em nosso Carnaval.

Hoje às 18 horas tem início no clube Doze, o grande baile juvenil.

Já há alguns dias encontra-se em nossa Cidade, hospede do Querência Palace, o Cel. Ruy Marcondes, "Chefe da Casa Militar do Palácio do Governo no Paraná".

Maria de Lourdes assistente dos produtos de beleza Max Factor, continua com sua promoção na Drogeria Catarinense.

Aproveitando o verão, estão passando férias em sua confortável residência, em Canasvieiras, os casais da sociedade paulista; Raquel Biron Bonatto, Marisa Tarso Niederauer e Dora Nilton Sichelner.

Podemos informar que não tem fundamento, os comentários sobre a renúncia do Dr. Armando Gonzaga em deixar a direção do Deatur em Santa Catarina.

A respeito do turismo em nossa ilha, a Agetur, firma que lançou o Lagôa Iate Clube, está realizando um trabalho de pesquisa, sobre a opinião pública. Cinco jovens universitários: Maria Henriqueta de Bem, Orlandina da Silva, Maria Suely A. Carneira, Suely G. dos Santos, Nazareth S. Trindade e Iran Silveira, é quem nós diz que tem tido ótima receptividade o lançamento da Agetur. calor para resistir: agir para vencer.

PENSAMENTO DO DIA: Pensar para aceitar.

Lára Pedrosa

em falta. Isso seria absolutamente normal, não fosse hoje sé de fevereiro, e não estive nó em plê carná. E mais importante ainda, não tivesse aqui a filha do Desembargador — a benção Stanislaw — ido ontem ao Baile Municipal e chegado às 5 (da manhã é claro) em casa. A benção Desembargador!

A partir do exposto, julgou-me leitorinhos uma mulher bacana pra xuxú e repleta de senso de responsabilidade. Ou simplesmente uma mulher apenas, cujo telefone não parou de tocar e que teve seu sono interrompido de vez, por essa maquininha que dizem ser genial, mas que eu não canso de abominar. Se possível, meus caros, fiquem com a primeira.

— A grande novidade é que apareceu, sem maiores explicações, Wanderley Margotti, o desenhista desaparecido há um mês, sem saber misteriosamente onde esteve, com quem e de que maneira.

Conta êle que já há algum tempo, sem saber precisamente a data, estava êle nas imediações de um bar qualquer, na calada da noite, quando aproximou-se dêle uma jovem não muito atraente, vestida com uma calça brim Coringa — não encolhe —, camisa amassada, cabelos desgrenhados beleza meio sobre o natural, e mui cautelosamente, olhando para um lado e para outro, chegou-lhe aos ouvidos e numa voz sornata, mas ao mesmo tempo incisiva, disse no ma mais autoritário dos tons: "Cuba, bem?"

Um pouco assustado com tamanha afoiteza, olhou para a pequena, a fim de ver se ela tinha cara de terrorista.

Como é meio cego nosso amigo, sem óculos, resolveu chegar até um desses focos de luz que habitualmente são encontrados nas calçadas de dez em dez passos, para ver de quem se tratava tão atrevida interlocutora. E gaguejando um pouco, ou mancando um pouco, se preferirem, chegou até lá.

E a partir daí, meus caros, não se lembra o nosso Wanderley de mais nada. Não sabe se foi raptado, ou se esteve realmente em Cuba, ou se o que aconteceu foi uma tremenda e duradora farrá com a pequena. O que sabe é que lá pela quinta-feira — essa data preciso eu — às quatro horas da tarde, êle irrompe pelo Gabinete e dentro repetindo aquela frase lapidária do Joãozinho "Ondê c'ô tô, meu Deus?"

Depois de uns copos de água quente, algumas goiabas e um picolé de manga, contou a história dêle, e pediu o dinheiro das bonecas.

Satisfeita sua exigência, tornou a desaparecer e hoje pela manhã, quando chegou eu em casa, encontrei quatro desenhos embaixo da porta e um recado desesperador: "Socorro! ela me apanhou outra vez!"

Agora, às dez horas da manhã, toca o telefone pela miléssima vez, e uma voz sornata que não pude distinguir se masculina ou feminina, disse apenas o seguinte: "Seu desenhista está em nosso poder. Queremos 25 mil dólares pelo resgate. Não avise à polícia porque sua vida (a dêle, graças a Deus) corre perigo. Você tem 24 horas para conseguir o tutú, caso contrário, já sabe... é sem honca. Ademan." E mais nada.

Música Popular

Augusto Buechler

BUD POWELL: A GRANDE AUSENCIA (2) conclusão

Novo abatimento cai sobre êle e logo depois uma junta médica lhe dá o triste veredicto: tuberculose.

Os amigos franceses entristeceram-se e seus compatriotas procuraram redimir-se das injustas acusações. Bud Powell era ainda o grande pianista de jazz. Suas antigas e novas gravações mostravam ao mundo o seu talento, sua técnica e inspiração. Dos sanatórios franceses e suíços vai parar nos hospitais do Harlem e do Brooklyn, novamente esquecido e abandonado.

MENINO DO CORO

Earl "Bud" Powell nasceu em New York com Thelonius Monk, a 27 de setembro de 1924. Seu avô e seu pai eram músicos. Com êste aprendeu a tocar piano, sob rigorosa disciplina. Conheceu os clássicos e adquiriu uma técnica pianística incomparável. Tocou órgão na igreja católica de São Carlos, no Harlem, e já foi menino do coro. Aos 15 anos abandonou os estudos e ficou vagabundando por Coney Island. Começou como músico profissional no Canadá, atuando com "Lee's Coop" no Valadian Snow e no Sunset Royal.

BEBOP

Nascia, na ocasião, uma nova escola jazzística. O bebop e o cool substituíam a "swing era" e um estilo moderno era então criado por Bud Powell, que começou a empolgar os frequentadores das "jam-session" do Minton's e do "Birdland". Em 1943, ingressou na orquestra de Cootie Williams. A orquestra do ex-pianista de Duke Ellington ganha popularidade com os arranjos "bebop" que Bud realiza, e os solos de Cootie e Bud, nas peças "Honeysuckle Rose" e "Blue Gardens Blues" tornaram-se famosos. A crítica considera Bud Powell o mais dotado instrumentalmente dos pianistas de "bebop" e o mais autêntico representante dessa escola. Nesse período Bud faz uma série de gravações, acompanhado por contrabaixo e bateria. Empolga os amantes do jazz moderno com suas interpretações em "Indiana", "Somebody Loves Me", "Bud's Bubble", "Off Minor", "Ornithology", "You Got To My Head" e, especialmente, com "Gócia", "I'll Keep Loving You", "Tea for Two" e "Dusk in the Sound", em selo Mercury.

O COMPOSITOR

Em fins de 1940, arranca aplausos com suas atuações no "Savoy" e, como compositor, merece especial admiração da parte de Duke Ellington, Count Basie e de Art Tatum. Este último, encanta-se com as composições, "Hallucinations", "Oblivion", "Gloss Enclosure" e com a "Dança dos Intieis". Tatum era para Bud um mestre e para impressioná-lo êste, certa feita, fare uma das mãos com uma faca, tocando apenas com uma. Esta ferida logo depois de cicatriza. A da sua alma, porém, continuaria sangrando em busca do bálsamo, da amizade e da compreensão.

A DESTRUÇÃO

Logo depois, é vítima de nova crise nervosa e, de 1947 a 1956, permanece mais da metade do tempo, internado em sanatórios de doenças mentais em New York. Nos intervalos dos consecutivos internamentos atua com seu trio no "Birdland" e outros clubes.

Influências benéficas em seu estilo e técnica foram recebidas de seu pai, que o obrigou a conviver com os grandes clássicos. Abeerou-se em Billy Kyle, para, aos dezesseis anos ingressar no mundo do jazz. Mais tarde era influenciado por Charlie Parker. Soube aprender todo o espírito do jazz moderno, dominando completamente o seu instrumento, tornando-se uma ponte magistral que o ligava ao mundo, o mesmo mundo que lhe era ingrato e que tantas vezes o abandonou.

Incompreendido pela esposa, pelos amigos e pelo público que o aplaudiu e o esquecia, vagou pelas ruas do seu Harlem, esgotando-se em bebidas e drogas. Perambulou por Paris, fugindo à solidão e à loucura. Emaranhou-se no seu mundo de sonhos, melodias e desditas.

Andou de gin ao uisque e do vinho tinto ao absinto. Nas bebidas não buscava a destruição e sim o isolamento que o levaria ao que êle mais amava: seu piano. Na posse dêste, sua alma abria-se em melodias e acordes modernos mesclavam-se em uma mensagem de amor que os homens ainda não estão capacitados a compreender.

Só o seu povo, nas ruas do Harlem, entendeu sua mensagem de libertação. Embragado pelo ritmo da "Dança dos Intieis" e do "Bud's Bubble" batia palmas marcando compasso e dançava enquanto sua alma voava para a sua "Birdland" celestial, deixando aqui num piano solitário sua grande ausência.

Horoscopo

Omar Cardoso

Domingo — 8 de fevereiro de 1970

Aries	Um negócio para ser realizado no decorrer dos próximos dias poderá ser decidido hoje. Acredite mais em si mesmo.
Touro	Domingo cheio de aventuras, imprevistos e novidades que tornarão o dia benéfico. Aja com determinação e otimismo.
Gêmeos	Dia em que terá excelentes oportunidades de aumentar seu capital e aprimorar-se no plano amoroso. Seja discreto.
Câncer	Tenha um pensamento mais positivo e seja mais dinâmico em suas ações, para conseguir os melhores resultados profissionais.
Leão	Período de influências muito favoráveis no tocante aos seus assuntos íntimos. Boa disposição geral. Notícias.
Virgem	Conte com as suas próprias condições de êxito profissional. Alegrias e novidades com relação aos negócios imediatos.
Libra	Dia de excelente fluxo astral, se passado de maneira prática e objetiva. Suas probabilidades indicam êxito total.
Escorpião	Aproveite o período para aprimorar seus conhecimentos pessoais. Fase propícia para as pesquisas. Seja mais objetivista.
Sagitário	Sinta-se mais à vontade, em casa de seus colegas ou em diversões e festividades. Bom dia para você cuidar de seu lar.
Capricórnio	Não deixe para amanhã o que possa fazer hoje e tudo lhe sairá bem. Fase propícia aos assuntos ligados ao setor financeiro.
Aquário	Aproveite as primeiras horas do dia para divertir-se na companhia de pessoas amigas e capazes de favorecê-lo amplamente.
Peixes	Bom fluxo astral para pequenas viagens e passeios. Procure distrair-se mais. Alegria e felicidade na vida social.

Piscina PASSE HORAS AGRADÁVEIS NO LIRA TÊNIS CLUBE

EM SÃO PAULO
HOSPEDE SE NO
**RONDÔNIA
HOTEL**

Bem no coração de São Paulo a 150 mts. da Pça. da Sé, 200 quartos e apartamentos amplos e confortáveis, com diárias a partir de

NCr\$ 15,00
para solteiros e
NCr\$ 30,00
para casais.

Desconto especial de inauguração: 10% Super-lanche incluído na diária. Estacionamento próprio e motoristas à disposição de hóspedes e visitantes.

SOB A DIREÇÃO DE SANTIAGO
Hospede-se bem em São Paulo, hospedando-se no

**RONDÔNIA
HOTEL**
RUA SENADOR FEIJÓ, 126
TELE: 34-1339 e 33-4640

FILATELISMO

Teixeira da Rosa ATENÇÃO, FILATELISTAS DE SANTA CATARINA

A Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos (ABRAJOF) foi convidada pela Comissão Estadual de Filatelia e Numismática, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de S. Paulo, para organizar um CONGRESSO BRASILEIRO DE FILATELIA, ainda este ano, com verba já aprovada pelo Governo Abreu Sodré. A Abrajof aceitará a incumbência quando estiver segura da colaboração dos filatelistas e das entidades filatélicas do país. Seria bom que filatelistas e entidades catarinenses não faltassem à convocação. Quem se antecipar numa resposta positiva?

Uma pergunta nossa à ABRAJOF: Que tal se o Congresso fosse em Santos, por ocasião da LUBRAPEX — 70?

BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO

Ernest Moritz Arndt, que viria a ser renomado político, historiador e "poeta da liberdade", nasceu em GROSS SCHORITZ, no dia 25 de dezembro de 1769.

Para comemorar o evento os Correios da Alemanha Ocidental emitiram um selo comemorativo, com sua efígie, em cores vermelho e cinza, no formato vertical (27,5 x 32,3 mm), em papel branco fluorescente, não filigranado.

A circulação teve início a 13-11-69; a data do final da venda nos guichets não foi estabelecida. Na margem esquerda do selo acha-se a inscrição: "Ernest Moritz Arndt — 26-12-1769"; na direita — "Deutsche Bundespost". O valor (30 pf.) está indicado no canto direito, parte inferior.

A impressão em of-set, gravura em ação de Manfred Spiegel, foi realizada na Imprensa Oficial de Berlim, sendo a tiragem de 30.000.000 de unidades. O desenho foi de Heinz e Hella Schilinger, de Nuremberg.

IVERT & TELLIER
A Associação Filatélica de Santa Catarina (Florianópolis), este ano, como tem procedido no passado, adquiriu os três tomos que compõem o Catálogo Ivert & Tellier — 1970, a fim de continuar oferecendo, aos seus associados, conhecimentos das emissões e cotação dos valores dos selos universais.

O preço para aquisição de Catálogos Universais está se tornando mais alto cada ano, quase impossibilitando a compra por filatelista individualmente.

PRIMEIRO CONGRESSO DA FIAP

Em Bogotá, Colômbia, efetuou-se nos primeiros dias de dezembro de 1969, o 1º Congresso da Federação Filatélica Inter Americana, tendo o Brasil, recém filiado, sido representado pelo Clube Filatélico do Brasil (Rio), na pessoa do Almté. Antônio Leal de Magalhães Macedo, que participou de todas as reuniões. Na mesma época realizou-se lá a Exposição Filatélica Boliviana (ExFIBO — 69). Sobre os prêmios conferidos aos participantes brasileiros falaremos oportunamente.

FILATELIA TEMÁTICA

A filatelia moderna, ou temática, dia a dia mais se desenvolve. Além de uma Associação especializada, também funciona em São Paulo um Grupo Temático que trata do assunto com muito interesse.

Notícias recebidas dizem que a primeira sessão realizada no ano de 1970 (23-1), revestiu-se de êxito, contando com a presença de 15 participantes além de outros sócios do Clube Filatélico de São Paulo.

Os trabalhos dessa reunião foram dirigidos por Ricardo A. Sanchez, presidente do CFSP e coadjuvado por Jobil P. Lopes, um dos incentivadores do Grupo Temático.

Em cada reunião serão apresentados conjuntos de selos temáticos por um dos sócios que se inscrever. Nas reuniões de 6 e 20 do mês corrente as apresentações serão feitas pelos srs. Kees Filet e Júlio G. de Freitas. Os leitores interessados poderão dirigir-se ao GRUPO TEMÁTICO, Caixa Postal 8526, São Paulo.

JOVEM: A JUFIBRA É SUA

Se você conta mais de 15 e menos de 21 anos inscreva-se na Juvibra (Juventude Filatélica Brasileira) receberá endereços e instruções para trocas de selos. Escreva para a Caixa postal 5393, São Paulo.

PUBLICAÇÕES

Registramos o recebimento de Jornal de Piracicaba, de 20 de janeiro próximo passado.

Vinhamos sentindo a ausência do referido órgão, pois muito apreciamos (e colecionamos) a página filatélica do dr. Lauro Natali.

Soubemos agora a razão da ausência: e que esse distinto jornalista filatélico esteve impedido, por mais de dois meses, visto que sofreu delicada intervenção cirúrgica. Graças a Deus, sua recuperação vai se processando com segurança.

Aconteceu, sim ...

por Walter Lange
Nº 617

Na cidade de Berne, Suíça, em um leilão de coisas antigas, foram vendidos os seguintes objetos, que alcançaram grande repercussão: Um serviço de ouro, que pertenceu ao Imperador Alexandre da Rússia, vendido para o Estrangeiro por Lenine, no valor de 500.000 D. M.; um outro de 122 peças, que a cidade de Paris havia dado de presente à Imperatriz Marie Luise, no valor de 650.000 D.M. e uma caixinha de ouro, próprio para costura, que pertenceu a Rainha Hortense da Holanda, por setenta mil D.M.

Em Tondern, na Suécia, um menino de 4 anos, engoliu um relógio de senhoras com a respectiva pulseira e tudo. As pressas o levaram para o hospital; os médicos verificaram que o relógio já se achava no estômago da criança. Entretanto, não foi necessário uma intervenção, porque relógio e pulseira, depois de um passeio pelo interior do corpo do menino, foram expulso... pela via natural. Sem se atrasar ou adiantar, continuava o seu tic-tac com toda a pontualidade!

Em São Paulo, há anos passados, o Sr. José Fernandes, todo trajado com a puro, apresentou-se a administração do hospício "Franco Rocha", dizendo ser seu novo diretor, por nomeação do presidente da República. Empossado com toda solenidade, passou a dar ordens severas, punindo, principalmente, médicos e enfermeiros. O antigo administrador Mário Freitas, a certa altura, começou a desconfiar e entrou em comunicação com as autoridades, resultando desta consulta toda do que um louco internado no manicômio, descoberta: José Fernandes não era mais de onde tinha conseguido fugir! Está agora novamente trancafiado numa cela.

Dizem que a matemática não falha; entretanto, vamos fazer uma continha e provar que nem sempre dá certo: Dois cruzeiros é igual a duzentos centavos. Multiplicando dois cruzeiros por dois cruzeiros dá quatro cruzeiros. Multiplicando duzentos centavos, que é igual a dois cruzeiros, por duzentos centavos teremos quarenta mil centavos. Pergunto agora: por acaso quatro cruzeiros pode ser igual a quarenta mil centavos?

Acaba de ser anunciada a mais baixa temperatura verificada no mundo. Foi encontrada na Estação de Amundsen-Scott, no pólo-sul: 73 gr. abaixo de zero! A mais baixa até então encontrada foi de 69,8 gr. no Norte da Sibéria.

O gerente da filial de um banco de Montmorillon, França, de nome Georges Chambinaud, deixou para os seus sete funcionários, os quais com ele trabalhavam na agência, toda a sua fortuna particular. Depois meteu uma bala na cabeça! Na sua última carta deixada entre os seus documentos, observou que "todas as contas estão certas." E estavam mesmo. Como motivo do seu gesto, o infeliz assim se explicou: "Há dois anos que trabalho demais. Estou esgotado. O que ganhei com isto? Só inimigos, nenhum amigo. A vida assim não compensa. Basta!"

Vocês já assistiram a uma reunião de mulheres onde reinasse um silêncio absoluto? Eu já vi: Tinha uma combinação que só falava a mais velha!

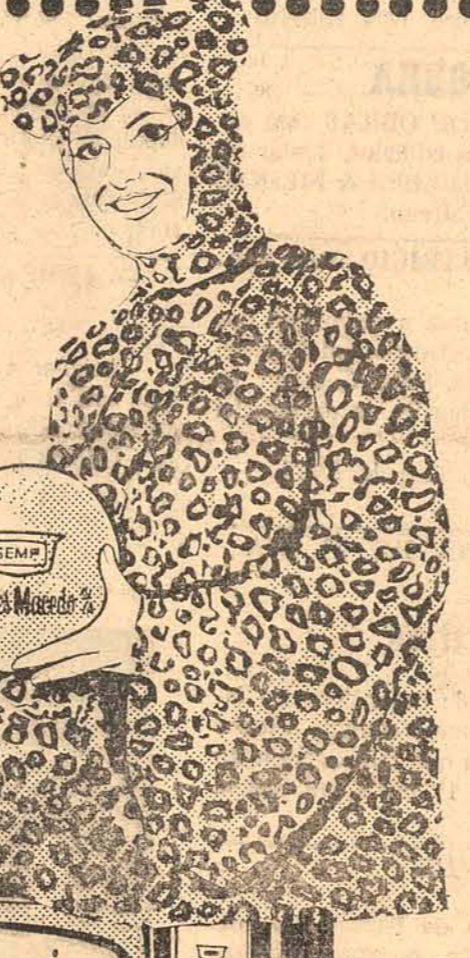
Sir Winston Churchill, o ex-premier ministro inglês, teve muitos aborrecimentos com a sua filha Sarah. E' sabido que ela gostava de tomar whisky e tomava demais. Foi presa sete vezes por disorders, provenientes de bebedeiras. Entretanto era a filha "querida" do grande estadista. Sarah foi infeliz nos seus amores e na sua vida matrimonial. O seu primeiro marido, o actor Vic Oliver, dela se separou pouco depois do casamento. O seu segundo marido, o fotógrafo Beauchamp, também se divorciou dela e acabou se suicidando. Um policial londrino, quando se referiu a prisão de Sarah Churchill, por ele efetuada, assim se explicou: "Nos meus 30 anos de vida profissional, nunca vi uma pessoa proferir tantas blasfêmias e injurias como ela".

Um moço convencido disse a uma moça com a qual conversava: "Deus pensou bem criando antes o homem e depois a mulher." E' a moça, notando a sua presunção, prontamente lhe respondeu: "Sim, porque em todas as coisas difíceis, antes se faz um borrão e depois a obra perfeita".

Pensamento: (Seneca) A recompensa de uma boa ação é tê-la praticado.

HERMES MACEDO e SEMP

NA ERA DAS FERAS



Compre um rádio ou televisor SEMP em Hermes Macedo e tenha as feras em sua casa!

TELEVISOR SEMP mod. MAX-16
De 941,00 por 759,00
ou apenas **39,90 mensais**
GRÁTIS • 1 "oncinha"

GRÁTIS: Na compra de 1 televisor Semp você leva, na hora, uma "oncinha" de presente! E na compra de 1 rádio Semp, você ganha uma bola.

TELEVISOR SEMP Esplanada MAX
De 1.091,60 por 899,00
ou apenas **49,90 mensais**
GRÁTIS • 1 "oncinha"

RÁDIO SEMP - Mod. TR-77
Portátil
De Ncr\$ 210,30 por Ncr\$ 169,00 ou apenas
Ncr\$ **15,95 mensais**.
GRÁTIS: 1 bola.

RÁDIO SEMP - Mod. AC-431
de mesa - 110/220 v.
De Ncr\$ 225,50 por Ncr\$ 179,00 ou apenas
Ncr\$ **17,20 mensais**.
GRÁTIS: 1 bola.

RÁDIO SEMP - Mod. LP-75
Pilha e luz
De Ncr\$ 162,40 por Ncr\$ 129,00 ou apenas
Ncr\$ **12,39 mensais**.
GRÁTIS: 1 bola.

RÁDIO SEMP - Mod. TR-850
Portátil
De Ncr\$ 175,70 por Ncr\$ 139,00 ou apenas
Ncr\$ **13,40 mensais**.
GRÁTIS: 1 bola.

Aproveite as ofertas!
Você ganha em tudo: no preço, no prazo, nas condições... e ainda ganha nos prêmios espetaculares!

Hermes Macedo S/A
39 LOJAS • DO RIO GRANDE À GUANABARA

Estante

Cesar Luiz Pasold
SUPOSLCAO

Eu havia já contado para o Florianopolino, e ele acreditou porque, segundo a sua inabalável filosofia de vida, "amigo nunca mente".
Mas, que a coisa é meio por sobre do inacreditável, isto ela é. Mas... vá lá.
Tia Lucia tem diversos cachorros. São cachorros mesmos, que este negócio de cão é pra mulher dizer pro marido quando descobre que o dito anda comendo goiaba na ou com a vizinha.
Pois bem, os cachorros, vira-latíssimos, vivem melhor do que muito gato de madama. São alimentados fartamente, cerca de três religiosas vezes por dia. Cada um deles têm sua casinha própria, com telhado e sem goteiras. A corveia, presa em seus pescoços, foi comprada, segundo Tia Lucia, em 10 de janeiro de 1920. Não fora a ferrugem que as colore, poderiam ser consideradas novinhas.
Dos cinco cachorros, dois são libertados durante a noite. E, então, paladinos maravilhosos, vigiam a mansão em renie ao mar.
A rotina era comum. Até que, na semana passada, a coisa sofreu profundas alterações.
A cachorrada não queria nada com nada. Nem com comida. Nem com vigi-

lância. Nem com a paquera, o que evidentemente deixou cabrerias todas as cadelas do bairro.

E' verdade absoluta que houve pânico. Como dormir sem os dois vigilantes noturnos? Como viver sorrindo sem os latidos pedindo a bóia?

Tia Luci, ao contrário do que se pode pensar, não chamou veterinário. Não há, segundo ela, ninguém que entenda mais de cachorros e suas doenças do que eua mesma.

Dada esta premissa, passou a um exame acurado dos bichos. De forma científica, observou-os longamente. Um dia inteiro. Viu suas reações. Sentiu suas palpitações.

E, ao fim, diagnosticou: — prisão de ventre!
Ora, dado o diagnóstico, vai-se à medicação!

E, assessorada por Dona Tilica e Dona Camília, que, de eficientes cozinheiras passaram — em promoção progressiva — à auxiliares de "veterinagem", foi curá-los. Enquanto as duas seguravam cada um dos cachorros, Tia Lucia, calmamente, conscientemente, introduzia um supositório local adequado.

Os cinco protestando, gemendo, foram submetidos à medicação. Agora querem tudo com tudo.

...Florianopolino quer saber a marca do supositório. Cara chato!

Importadora Miranda Ltda.

Rua 7 de Setembro, 1
Grandes sortimentos para Homens, Senhoras e Crianças.
Camisas Rendadas em todas as cores
"Camisas "London".
Calças Americanas "Lee" U.S.A.
Artigos de Bijouterias
Óculos modernos p/senhoras
Vibrador — Ventiladores
Aparelhos elétricos etc.

ATACADO e VAREJO

DR. LUIZ F. DE VINCENZI
Ortopedista e Fraturas em Geral
Doenças da coluna e correção de deformidades — Curso de especialização com o Professor Carlos Ottolenghi em Buenos Aires
Atende diariamente no Hospital de Caridade das 15 às 18 horas.
Residência: Rua Desembargador Pedro Silva n. 214 — Fone 20-67 — Coqueiros.

DR. A. BATISTA JR.
Clínica de crianças
RUA NUNES MACHADO 21
FLORIANÓPOLIS

ABELARDO GOMES FILHO
ADVOGADO
Advoga e Acompanha Processos nos Tribunais Superiores
Enderço: SCS — Edifício Goiás — Conjunto 312 — Telefone 42-9461 — Brasília

DRA. CLEONICE M. ZIMMERMANN
LARGURA

PSQUIQUIA INFANTIL
Distúrbios de conduta — Distúrbios da psicometria — neuroses e psicoses infantis — orientação psicológica de pais
Consultório: Rua Nunes Machado n. 12 — 2º andar — sala 4. Marcar hora de 2a. a 6a. feira das 14 às 18 horas

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA
"DR. BULÇÃO VIANNA"
Cíveis — Criminais — Trabalhistas
JOYCY JOSÉ DE BORBA
Advogado
Rua Felipe Schmidt, 52 — Sala 5 — 1º andar — Telefone 22-46 — Florianópolis

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA
Jackson de Paulo Kuerten
Advogado
Hélio Carneiro
Advogado
Horário: das 8 às 12 e das 14 às 18 hs.
Ed. Florêncio Costa, 58
7º andar — s/704 — Fpolis. — S. C.

DR. ENNIO LUZ
ADVOGADO
Causas: Cíveis, comerciais, trabalhistas, fiscais e criminais.
Atende: das 9 às 11 horas, diariamente, com hora marcada.
Escritório: Felipe Schmidt, 21, sala 2 — Fone 27-79
Residência: Presidente Coutinho, 85 — Fone 27-79

DR. EVILASIO CAON
ADVOGADO
RUA TRAJANO, 12 — SALA 9

PROFESSOR HENRIQUE STODIECK
ADVOGADO
Edifício Florêncio Costa (Comasa)
Rua Felipe Schmidt, 52 — sala 107
Diariamente das 10 às 11 e das 16 às 17 horas, ou, com hora marcada, pelo Telefone 2062.

ADVOCACIA
JOSE DO PATROCINIO GALLOTTI
EUCLYDES DE CERQUEIRA CINTRA FILHO
PAULO BENJAMIN FRAGOSO GALLOTTI
Rua Felipe Schmidt — Ed. Florêncio Costa

DR. REGINALDO P. OLIVEIRA
UROLOGIA
Ex-Médico Residente do Hospital Souza Aguiar — GB. Serviço do Dr. Henrique M. Rupp
RIM — BEXIGA — PROSTATA — URETRA — DISTÚRBIOS SEXUAIS
CONSULTAS — 2as. e 4as. feiras, das 16 às 19 horas
Rua Nunes Machado, 12

CLÍNICA RADIOLÓGICA
Radiologia Dentária-Exclusivamente
Dr. ARNOLDO SUAREZ CÚNEO — CRO n. 169
Dr. ROBERTO GRILLO CÚNEO — CRO n. 135
Enderço: Rua Fernando Machado, 6 — 1º andar — Fone 34-27 — Florianópolis — S. C.
HORÁRIO DE ATENDIMENTO — RAIOS X
SEGUNDA — QUARTA E SEXTA — das 8 às 12 e das 14 às 18 horas.
TERÇAS E QUINTAS somente a partir das 14 horas.

DR. ANTONIO SANTAELA
Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina — Problemática Psíquica, Neuroses.
DOENÇAS MENTAIS
Consultório: Edifício Associação Catarinense de Medicina, Sala 13 — Fone 22-08 — Rua Jerônimo Coelho, 353 — Florianópolis

CLÍNICA ODONTOLÓGICA
TERÇA E QUINTA — Somente das 15 às 18 horas
Dr. Gilberto M. Justus
Dr. Nelson S. Mitke
Dr. Luiz Q. Kanashiro
C. Dentistas
Odontopediatria
Cirurgia — Prótese
Clínica Geral
Horários 15,00 às 22,00 horas
Rua Felipe Schmidt — 34/s-3.

AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
HORÁRIOS DA EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE S. A.
DIARIAMENTE DE FLORIANÓPOLIS PARA:
CURITIBA — 5,00 — 7,00 — 13,00 — 17,00
VITÓRIA — 5,30 — 9,00 — 13,30 — 14,30 — 16,30 — 19,30
BELÉM — 6,00 — 8,30 — 12,00 — 15,30 — 18,30
JARAGUÁ DO SUL — 16,30 — 21,30
PARA TIJUCAS — BALNEÁRIO DE CAMBOIÚ — BRASÍLIA — TODOS OS HORÁRIOS ACIMA

RARA OPORTUNIDADE
Na ILHA MARIA FRANCISCA (Baía Sul), sítio com praia particular (pôrto p. balceira), pomar rendoso c. 150 pés de limoceros (legítimos), laranjas umbigo, tangerineiras, ameixeiras, cajueiros, caquezeiros, cana de açúcar, etc. — tudo em plena produção. Casa e rancho. Nascente de água doce. Estrada até à travessia. Travessia de apenas 300 metros. VENDE-SE. Tratar com GRIMM — Trav. Ratcliff, 9 — Ao lado do HOTEL ROYAL, Horário comercial.

VENDE-SE
Por motivos alheios, LUGI está vendendo a Importadora. Aproveite. Tratar EDIFICIO COMASA 7º andar — Conjunto 707.

QUARTOS PARA ALUGAR
Aluga-se dois quartos para solteiros, confortáveis e mobiliados, em casa de família. Exig-se referências. Tratar à Av. Rio Branco, 187.

CASA NA LAGOA
Vende-se uma casa na Lagoa com terreno de 20x24m. Tratar pelo fone 3590, com sr. Dario.

LAVADOR DE CAPIVARI S/A.
AVISO
Comunicamos que se encontra à disposição dos senhores acionistas, na sede da Sociedade, em Capivari de Baixo, município de Tubarão, Santa Catarina, os documentos a que se refere o artigo 99 do dec. lei 2627 de 26/9/40.
Capivari, Tubarão 3 de fevereiro de 1.970.
Engº GECY ROCHA
DIRETOR

PERDEU-SE
No Trajeto de Fpolis ao Canto o certificado de propriedade de uma Kombi ano 1966, motor B413178, Chassis n.º 106857 de propriedade do Sr. Ayrton Salgado.

ALUGA-SE
Apartamento com quatro quartos, garagem e demais dependências. Ver e tratar à rua Duarte Schutel, 38

VENDE-SE
1 terreno medindo 36.000m², situado em Canasvieiras com 200 metros de frente para o mar.
1 terreno medindo 46.000m², situado no complemento da rua Joaquim Nabuco, Estreito, com terra-planagem pronta.
Tratar a rua Cel. Pedro Demoro, 1794, Estrelto

MESTRE DE OBRA
Precisa-se de um MESTRE DE OBRAS com experiência de construção de grandes edifícios. Tratar no Departamento de Engenharia de MULLER & FILHOS. Rua Dr. Fúlvio Aducci, 763 — Estreito.

U. T. E. — SERVIÇOS DE ELETRICIDADES S/A.
AVISO
Comunicamos que se encontram a disposição dos senhores acionistas, na sede da sociedade, em Capivari de Baixo, município de Tubarão, Santa Catarina, os documentos a que se refere o artigo 99 do decreto lei 2627 de 26/9/40.
Capivari, Tubarão, 3 de fevereiro de 1.970.
DIRETOR

AGRADECIMENTO E MISSA DE 7º DIA
A Família de:
RODOLPHO RICHTER

A gradece as manifestações de pesar pelo seu falecimento ocorrido dia 5 do corrente e convida a todos os amigos para a missa de 7.º dia que fará celebrar no próximo dia 12 (quinta-feira) às 19 horas, na Capela da Maternidade Carlos Corrêa.

REPRESENTANTES
Tradicional Firma Madeireira do Paraná pretendendo reabrir vendas nesta Praça, procura representantes idôneos com comprovadas relações junto às Firmas Construtoras e Depósito de Material para Construtoras e Depósito de Material para Construção.
Guarda-se sigilo. Respostas para "MADEIRA" aos cuidados deste jornal.

VENDE-SE
URGENTE POR MOTIVO DE VIAGEM
COM 4 QUARTOS, SALA-LIVING COM BAR, SALA DE JANTAR, COZINHA/COPA, DOIS BANHEIROS, DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA, GARAGE, ARMÁRIO EMBUTIDOS NOS QUARTOS, SITUADA A RUA MAX SCHRAMM.
TRATAR: RUA CEL. PEDRO DEMORO, 1548
FONE 63-52 — ESTREITO

TERRENO — VENDE-SE
Em Capoeiras na Rua Patrício Caldeira de Andrade a cem metros da Estrada Federal, vende-se um medindo 11x25, todo cercado, com água e luz. Tratar no local ou no Correio da Capital com o Carteiro Hécio.

VENDE-SE
Vende-se uma casa de madeira com 3 quartos, 2 banheiros, 2 salas e armário embutido, terreno medindo 10x25, sítio à Servidão Cap. Euclides de Castro, ao lado do Galera Clube — Coqueiros. Tratar à Rua Conselheiro Mafra, 103.

VENDE-SE
Casa à Rua Conselheiro Mafra nº 93. Tratar na Rua 7 de Setembro 11 ou pelo telefone 3430 com o Sr. Luiz.

IMPÓSTO DE RENDA — PESSOAS FÍSICAS E JURÍDICAS — INCENTIVOS FISCALS EXERCÍCIO 1970

Reclamações perante a Delegacia Receita Federal. Recursos ao 1.º Conselho de Contribuintes. Pedidos de restituição Empréstimo Compulsório. Certidões negativas. Registros no C.G.C. Preenchimento de declarações de rendimentos pessoas físicas e jurídicas. Pareceres. Profissionais especializados. FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA. Horário integral. ATENDE-SE CAPITAL E INTERIOR
Rua TENENTE SILVEIRA, 56 — SALA 3

CAIXA DE ESMOLAS AOS INDIGENTES DE FLORIANÓPOLIS "DR. HEITOR BLUM"
De ordem do Sr. Presidente da Caixa de Esmolas aos Indigentes de Florianópolis "Dr. Heitor Blum", convido aos Srs. Socios desta entidade, a comparecerem no dia 12 do corrente mês, quinta-feira, às 14.30 horas, na sede da mesma a Avenida Hercílio Luz, 20, para a sessão de Assembléia Geral Ordinária, com a seguinte ordem do dia:

- a) Leitura do relatório pelo Sr. Presidente, correspondente ao ano de 1969.
 - b) Leitura do balanço geral pelo Sr. Tesoureiro, relativo ao mesmo ano.
 - c) Eleição da nova Diretoria para o período... 970/972.
- Não havendo numero legal para realização da mencionada sessão na hora acima designada, será ela realizada às 15 horas com qualquer numero de socios presente.
Florianópolis, 11 de fevereiro de 1970.

João D. da Silva — Secretário
AERO WYLLYS — 64 — JOIA
Vendo ou troco por Rural ou Kombi. Aceito também Aero 62 ou carro de menor valor. Ver — Balneário Canasvieira Hotel, com Telmo, até domingo dia 8.

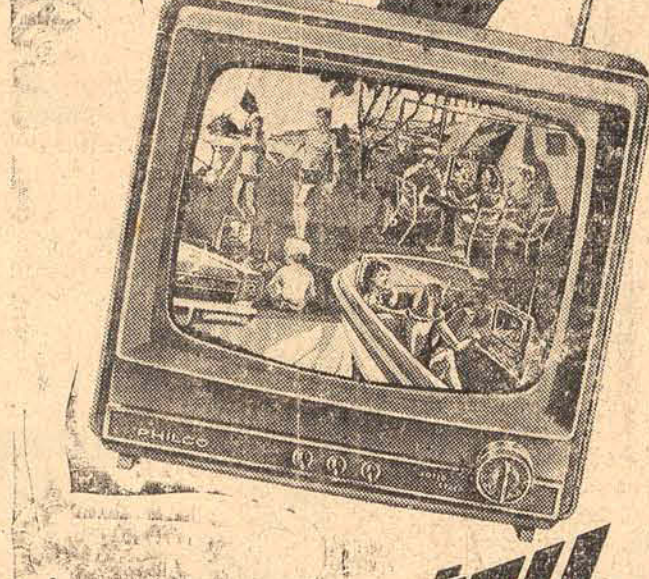
AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
ADMITIMOS
SUL AMERICA TERRESTRES MARITIMOS E ACIDENTES, COMPANHIA DE SEGUROS
RUA ARCIPESTRE PAIVA, 15
1ª/2ª ANDARES — Fpolis. — SC

SOCIEDADE CARBONIFERA PROSPERA S. A.
AVISO
Acham-se à disposição dos senhores acionistas, na sede social, os documentos a que se refere o artigo 99 do decreto-lei nº 2.627, de 26 de setembro de 1940. Criciúma, 06 de fevereiro de 1970.
(Eng. Lírio Búrgio)
Diretor Administrativo

HERMES MACEDO MAIOR REVENDEDOR CALOI
Mantendo e confirmando a sua tradição de ganhador de grandes prêmios nacionais, o deputado Hermes Macedo acaba de receber mais um importante laurel, a que fez jus a sua Empresa: o de "Maior Revendedor Nacional Caloi". A entrega do valioso troféu verificou-se num concorrido almoço, no qual tomaram parte, além do deputado Hermes Macedo — diretor presidente da Organização vitoriosa, o dr. Bruno Caloi e o deputado Biota Júnior — diretor presidente e diretor vice-presidente, respectivamente, da Caloi, bem como altos funcionários das duas conhecidas empresas brasileiras.

FORÇA E LUZ DE CRICIUMA S/A
AVISO
Acha-se à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social, os documentos a que se refere o artigo 99 do Decreto-Lei nº 2.627, de 26 de setembro de 1940. Criciúma, 06 de fevereiro de 1970.
Célio Grijó — DIRETOR

Onde este televisor funciona nenhum outro funciona!



TELEPORTÁTIL 12
PHILCO
TELEVERSÁTIL

- O 1º Portátil Televersátil da América Latina! Realmente funciona onde nenhum outro televisor funciona.
- O único que opera em 12 - 110 e 220 volts, ligado a bateria de veículos ou a qualquer corrente elétrica.

APENAS 55,00
MENSALIS

CASAS SANTA MARIA
MATRIZ: Conselheiro Mafra, 29/31
FILIAL: Conselheiro Mafra, 56
FLORIANÓPOLIS - SC.

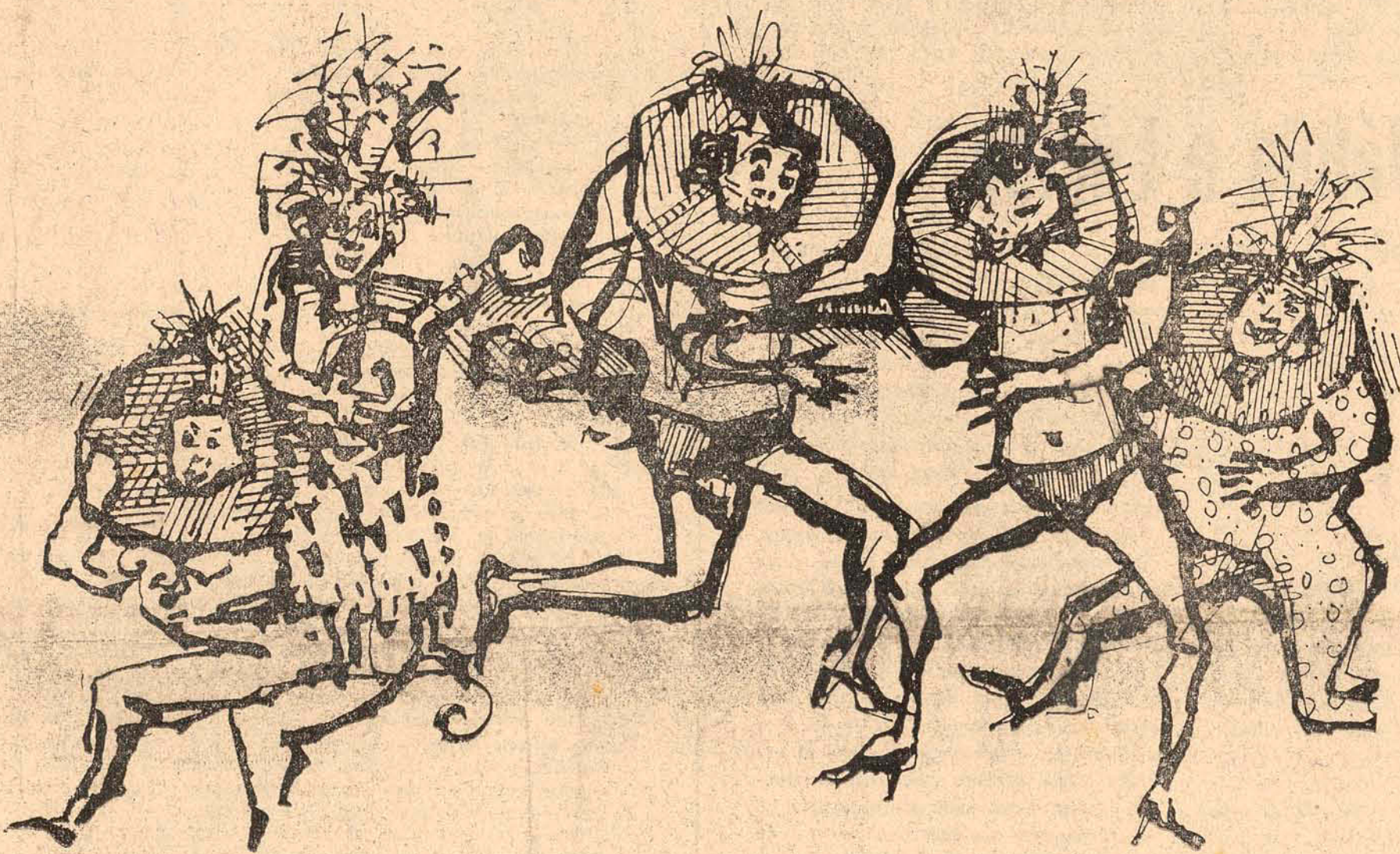
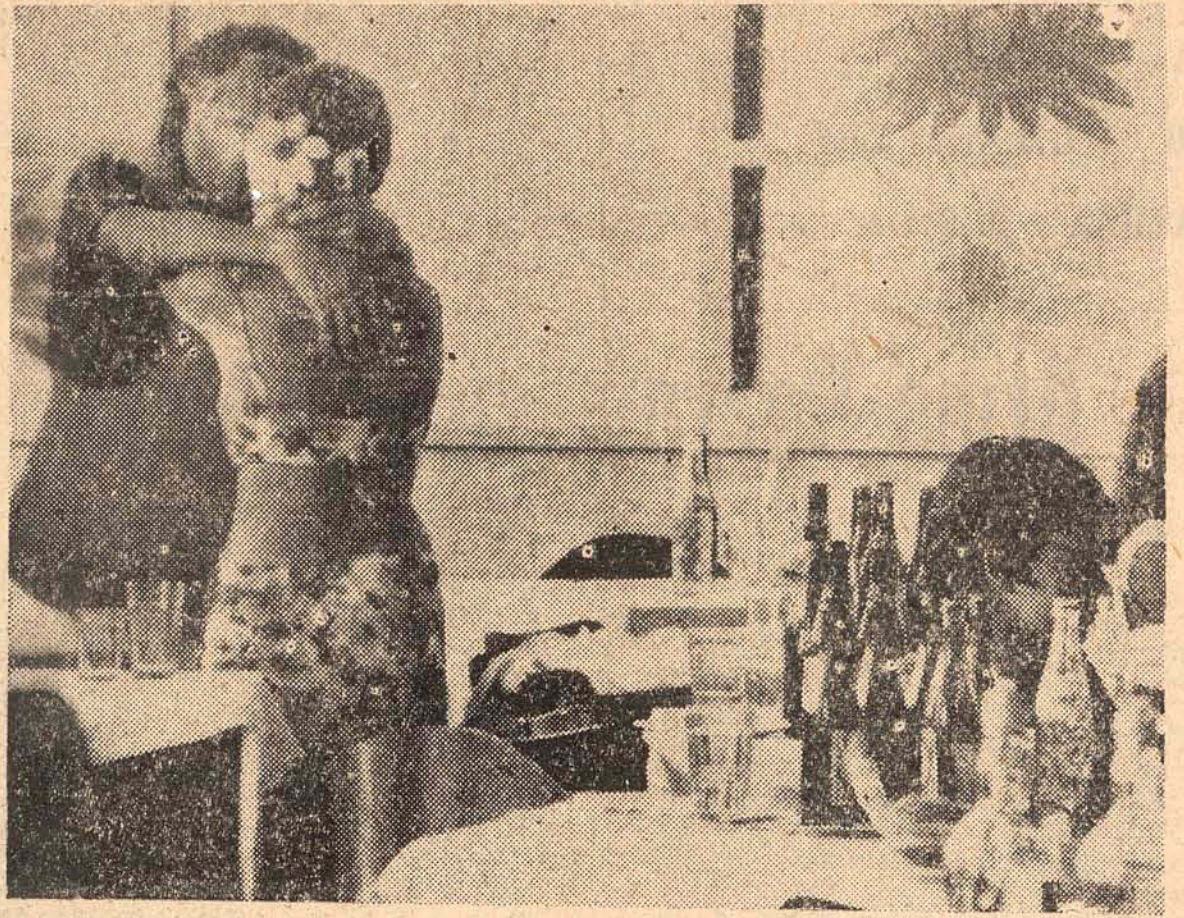
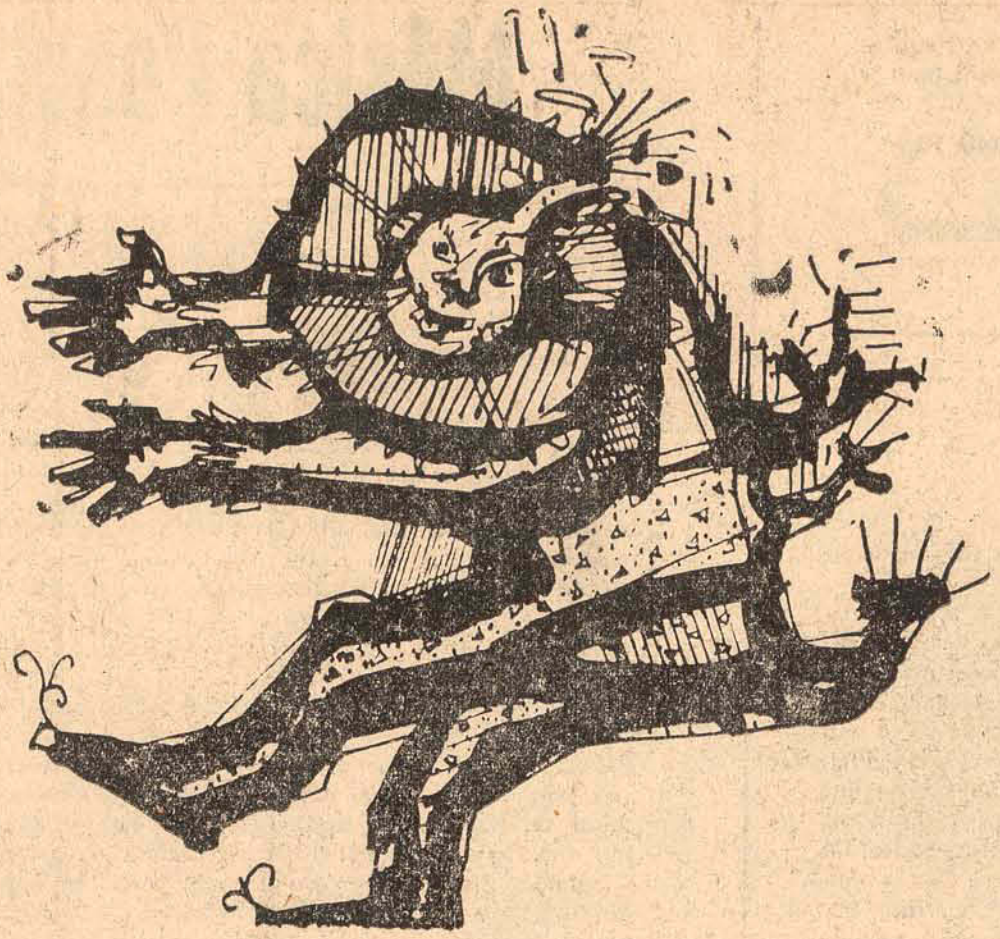
CARTEIRA EXTRAVIADA
Foi extraviada a carteira de motorista pertencente ao sr. Váiter Rosa. Pedese a quem a encontrou entregá-la nesta Redação.

NO 4º ANIVERSÁRIO DO GOVÉRNO. O MAIOR PRESENTE

Em 1969, o Banco do Estado foi o que mais cresceu no Brasil. Ganhou nome nacional e o respeito devido às grandes rédes bancárias. No 4º aniversário do GOVÉRNO IVO SILVEIRA, o Banco do Estado é o maior presente aos catarinenses.

SANTA CATARINA EM TEMPO DE PAZ E PROSPERIDADE

Banco do Estado de Santa Catarina S.A.
a maior réde bancária catarinense

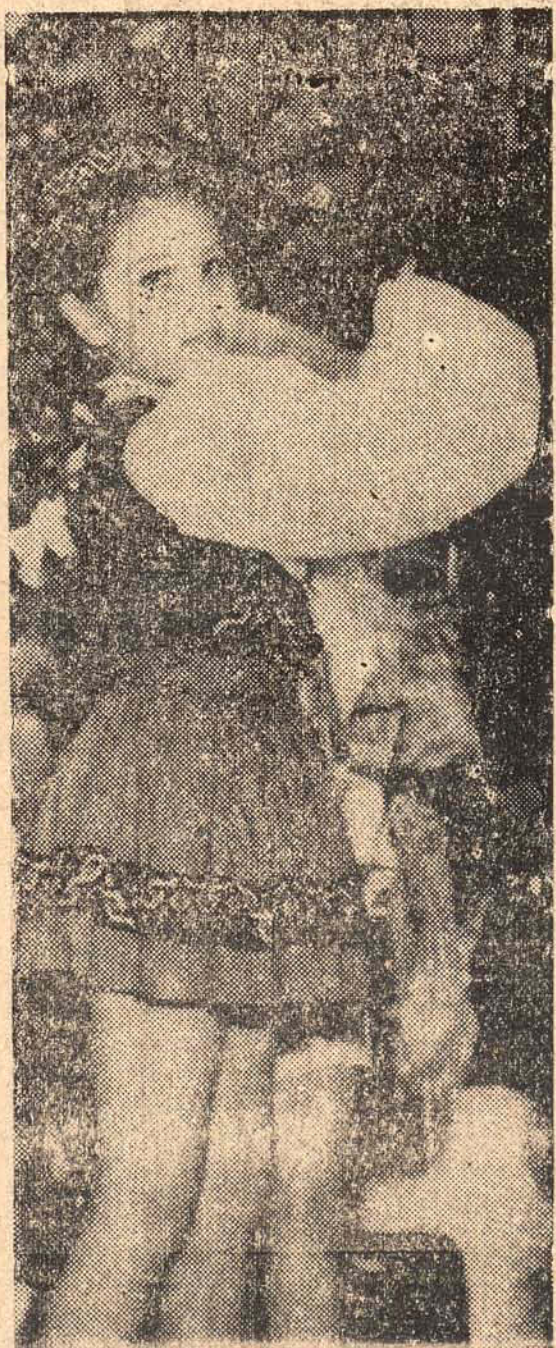
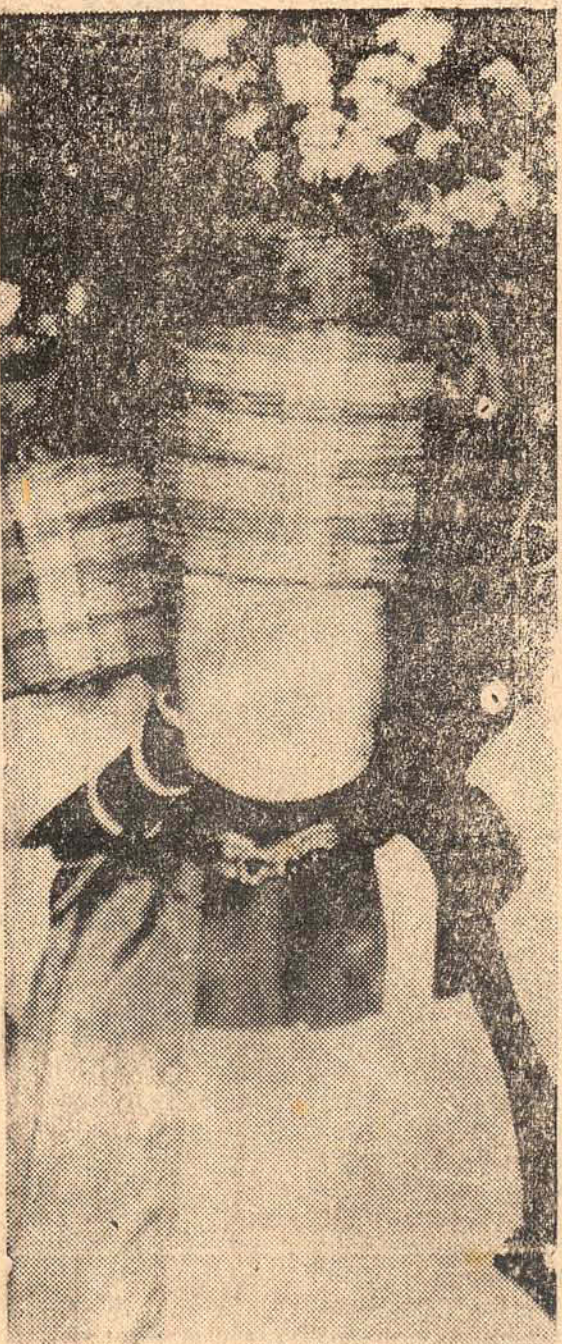


Carne vale carnavalia carnaval carná

Caderno 2

O ESTADO, Florianópolis,
Domingo, 8 de fevereiro de 1970

EDITOR: Sergio da Costa Ramos
FOTOS: Paulo Dutra



Como a palavra, que evoluiu etimologicamente, o carnaval também evoluiu. Os pierrots e as colombinas de outrora são os astronautas e as barbarellas de hoje. Mas o espírito da grande festa popular é sempre o mesmo: a sublimação de tôdas as frustrações, de tôdas as amarguras, em três dias de non sense e descontração. O trabalho deixa de ser a obrigação cotidiana e a concorrência a obsessão de todos os dias. Uma trégua é feita no mundo competitivo dos homens. Os valores nesses dias são outros: mais vale o sorriso ou o beijo da havaiana do que tôdas as mercenárias aspirações. De Rei, Pirata ou Jardineira, todos se esquecem das atribulações e da rotina: a ordem é realizar algumas quimeras e outros tantos sonhos, mesmo que de duração efêmera. O carnaval faz foliões de tôdas as idades, não poupa as cadeiras da mulata, nem o coração dos velhos saudosistas. A lamentar, apenas o caráter passageiros de tantas ilusões: é uma pena que tudo termine quarta-feira.

“Teoria e prática do planejamento educacional”

Silvio Coelho dos Santos
1969, Melo, Osvaldo Ferreira de, Globo Editora, P.A., R.G.S.

A Educação em Santa Catarina está vivendo mudanças. Mudanças que há muito se faziam necessárias, pois o sistema de ensino que estava em vigor era mais obstáculo do que estímulo ao desenvolvimento global do Estado. O Plano Estadual de Educação, que está sendo implantado neste início de ano, já é responsável por sérias e relevantes alterações no panorama educacional. Os Exames de Admissão ao ginásio foram abolidos nos estabelecimentos que obedecem ao sistema estadual de ensino. Seis mil professores que atuaram nos 1.º e 5.º graus a partir de março do corrente ano já foram reciclados. Os diretores dos estabelecimentos onde funcionarão esses graus também foram treinados. Da mesma forma, os orientadores de ensino, os supervisores escolares e os inspetores foram engançados na nova sistemática. Uma nova estrutura de ensino está assim pronta para ser colocada em prática. No ensino médio (2.º ciclo) as mudanças efetivas começarão em 1971, com a implantação de novo currículo. A SEC está, paralelamente, sofrendo uma reforma administrativa e o próprio professorado que muito não recebia estímulos sérios ao seu trabalho encontrará, no novo estatuto do magistério que se encontra em elaboração, as respostas e soluções aos seus problemas de sobrevivência e profissionalização.

Tudo isto, entretanto, não é garantia para a solução dos velhos problemas existentes no ensino, especialmente aqueles ligados à compatibilização entre a educação e o processo de desenvolvimento. Assim será preciso se ter a idéia de que o plano ora em execução é apenas um roteiro de ações que necessitam ser deflagradas. A deflagração dessas e a sua adequada execução, evidentemente, dependerão dos esforços que cada um de nós — técnicos, professores, alunos e pais — poderemos realizar.

Nesse contexto é que se situa a obra recentemente lançada pela Editora Globo, do Professor Osvaldo Ferreira de Melo. Trata-se

Bloco de notas

Mauro J. Amorim

Há dois anos atrás, um artigo do redator-chefe de um dos jornais de Curitiba, capital do Estado onde se trabalha, dizia que todas as prostitutas circulantes, portadoras de graves doenças venéreas; que todos os ladrões de galinha e de automóveis e que todos os macaqueiros que infestavam a cidade-Sorriso, procediam de Curitiba. — notadamente de Florianópolis.

Dizia mais. Dizia que lá, em Curitiba, já haviam atingido um estágio mais alto de civilização e de respeito aos bons costumes. E terminava solicitando que nós não remetêssemos mais presentes de grego.

Infelizmente, agora que se faz necessária uma resposta à altura, minha maldita memória não consegue localizar o debilóide que, indevidamente, se arvorou em porta-voz de toda uma população.

Gostaria de lembrar-lhe o nome, agora, para propor-lhe um negócio muito importante e altamente benéfico para as duas capitais: devolva-nos as prostitutas doentes, os ladrões de galinha e de automóveis e todos os macaqueiros, acompanhados de certidão de nascimento. Devolva-nos todas as pestes catarinenses que lhe atrapalham a vidinha.

Nós lhe remeteremos, com

de “Teoria e Prática do Planejamento Educacional”. O Autor, a partir de suas experiências frente a setores de planejamento do PLAMEG, da SUDESUL, do Conselho Estadual de Educação e do exercício do magistério nas Faculdades de Educação da UDESC e Ciências Econômicas da UFSC, além de cursos de pós-graduação específicos, elaborou trabalho que segundo Edson Branco, Secretário-Geral do MEC, leu-o “à liderança da didática do planejamento educacional”. E isto não somente em Santa Catarina — onde o Autor efetivamente liderou a elaboração do Plano Estadual de Educação —, mas no País.

A obra de Osvaldo Ferreira de Melo, antes de tudo, é sã. A estrutura de um plano, sua filosofia, objetivos, metas, medidas de implantação e obstáculos à mudança são apresentados de tal maneira que pode e deve ser, manuseado por peritos e leigos. A meu ver, nesse aspecto, e no momento em que estamos vivendo a implantação do Plano Estadual de Educação em Santa Catarina, é que o livro de Osvaldo Ferreira de Melo tem seu ponto alto. Isto porque é necessário que todos os administradores da educação, professores, alunos e seus pais tenham idéia nítida do que é um plano, pois somente a partir dessa idéia terão condições para contribuir na execução e melhoria do Plano Estadual de Educação.

A liderança de Osvaldo Ferreira de Melo não se limitou assim aos trabalhos pertinentes à elaboração do Plano Estadual de Educação. Como em diversas instituições onde foi chamado a colaborar, o Autor preocupou-se em formular um documento teórico e prático, destinado a fundamentar a crítica, a melhoria e a própria execução do plano, que pretende dar ao Estado uma nova sistemática educacional. Ao esforço desse catarinense deve-se somar agora o interesse de todos aqueles que direta ou indiretamente estão ligados ao sistema de ensino no Estado, pois a educação em qualquer parte somente toma rumos adequados quando a maioria dos seus agentes estão conscientes de seus objetivos e obstáculos.

frete pago e com muita satisfação, em embalagem segura, esse bando de vândalos, que aqui aparece todos os carnavais, portando — por vezes — carteiros sociais dos melhores clubes de Curitiba e que, dada a nossa espontaneidade; a nossa facilidade de fazer amigos rapidamente e de bem receber, penetra em nossos clubes, para promover arruaças quadradas e provincianas.

Vamos fazer a permuta, senhor jornalista-curitibano?

Só que tem uma coisa: nós, os florianopolitans, sairemos lucrando, sem dúvida alguma.

Perdoem-me os outros vizinhos curitibanos, que nada têm a ver com este desabafo e que são amigos válidos, lúcidos e inseridos no contexto. Aqui, sempre serão queridos e muito bem vindos, uma vez que, felizmente, são regra e não exceção.

P.S. — Nós também possuímos vândalos e machões frustrados que, caso lhe interesse, senhor jornalista-que-não-lembro-o-nome, lhe remeteremos, a título de brinde, igualmente bem embalados e com frete pago.

Inchiezmente, como temos o 3º carnaval do Brasil, eles daqui não saem impedindo, dessa maneira, que tenhamos uma diversão mais tranquila, ainda.

Futebol é assim mesmo

Saul Oliveira

1 — Liga em ordem — O meu amigo João Alfredo Rebelo, Presidente da Liga Blumenauense de futebol, como aconteceu todos os anos, enviou-me o Relatório das atividades da sua Liga, agora, do exercício de 1969.

No trabalho em questão, vê-se patenteado o esforço, dedicação, inteligência e ordem que imperam na entidade blumenauense que dirige o futebol.

Infelizmente, não possui espaço suficiente, nesta coluna, para transcrever os trabalhos desenvolvidos pela exemplar Liga no decorrer do ano que passou.

Posso afirmar, porém, que se trata de um relato de todas as atividades concernentes ao futebol desenvolvido na jurisdição da Liga Blumenauense que, por si só, revela a preocupação, responsabilidade e firmeza de caráter dos homens que cuidam do futebol na magnífica cidade do Vale do Itajaí.

Queira Deus que outros sigam o exemplo do João Alfredo e de seus companheiros de Liga, porque assim, num futuro, bem próximo, teremos o nosso futebol no lugar que todos desejamos, ou seja, da ordem e da dignidade esportiva.

2 — Nota triste — Depois de delicada intervenção cirúrgica, veio a falecer a sra. Zélia Soncini, esposa do mais discutido e intrépido radialista e jornalista esportivo de Santa Catarina, Lauro Soncini.

O pesar causado pelo falecimento da Zélia, com quem tanto privei nas horas boas e más do futebol, discutindo sempre as doidezas cometidas pelo Lauro, onde ela, na sua meiguice e compreensão das cousas da vida, sempre encontrava uma maneira de perdão, para os desatinos esportivos do seu querido esposo, deixa-me em terrível constrangimento para escrever estas notas.

Antes da Zélia seguir para o Rio, onde foi operada, visitei-a no Hospital Celso Ramos e tive a oportunidade de conhecer, mais profundamente ainda, o seu excepcional caráter, quando me revelou, com a maior dignidade humana, o terrível e fatal mal de que se encontrava acometida, onde, segundo ela, não havia esperanças de recuperação. O estoicismo da Zélia, nêsse particular, a sua filosofia da vida e as exuberantes boas qualidades de esposa, mãe e avó, por certo, lhe reservarão um lugar de destaque no Céu, para onde fatalmente irá.

3 — Avai prossegue — Agora sob a presidência interina do fenomenal desportista que é José Amorim, prossegue o Avai na preparação de sua equipe para o estadual do corrente ano. Já contando com bons atletas no seu plantel, vem agora o alvi-celeste de conseguir o concurso de Cavallazzi, indiscutivelmente uma dos melhores avanços do futebol catarinense.

Apesar da oposição que muitos fazem ao Zé Amorim. Acredito que o “double” de técnico e presidente, com uma ajudazinha dos demais diretores do clube poderá, este ano, colocar o Avai em posição de destaque no nosso futebol.

E’ preciso, também, que a turma da “raivinha” deixe as bobagens de lado e venha colaborar com o clube, porque o Avai nunca teve e jamais terá dono, porque é a equipe mais popular da cidade e a ela pertence, exclusivamente.

Farrapos de memórias

Gustavo Neves

Era eu um garoto, ao tempo em que Crispim Mira dirigia, como proprietário, o jornal “Folha do Comércio”, cuja redação estava instalada num prédio da rua João Pinto. Martinho Callado era o seu redator. Todas as tardes, a “Folha do Comércio” circulava na cidade — e, verdadeiramente, desfrutava extraordinária aceitação. De resto, era um jornal bem feito com excelente colaboração e abundantemente noticioso.

Numa coleção desse vespertino colhi interessante matéria para recordações. Em julho de 1911, por exemplo, — mais precisamente no dia 4 — a “Folha” trazia, subordinada ao título geral de “Letras”, uma bela crônica de Altino Flôres. Dirigia-se o autor ao seu amigo e confrade Barreiros Filho e dizia-lhe de seus sonhos e ideais, de suas esperanças e perspectivas. Havia, em tudo, porém, um certo pessimismo: “O homem” — escrevia Altino Flôres nesses dias distantes — “o homem nasceu para fecer e entretecer com anelos um vestido que não envergará nunca. Sonhamos com o que poderíamos ter sido e, sobretudo, com o que poderemos ser. Esse sonho tem a lentidão duma lesma — lesma de ouro, que vai deixando nas paredes da vida um rasto brilhante, sinuoso, inapagável”.

Já na edição de 6 do mesmo mês, Barreiros Filho publicava a sua resposta a Altino — e o fazia de maneira igualmente encantadora, acentuando a imagem da lesma de rasto brilhante: “A ilusão” — escrevia Barreiros — “é uma lesma de ouro: aqueles vagares, aqueles brilhos, aquele faiscar de promessas e, afinal, aquele aniquilamento súbito, como um raio, num segundo malvado, — eis aí o caminho duma ilusão, com o mais vivo dos coloridos e a mais feliz

das comparações”.

Era eu, então, ainda um garoto, frequentando, se bem me lembro, o último ano da escola primária, sob a palmatória irretorquível do professor Clementino Brito. E’ verdade que eu gozava de alguma consideração excepcional, entre os alunos do mestre Brito, porque eu era simples frequentador, não matriculado. Explico-me: quando, vencido o curso primário, eu me dispunha a ingressar na Escola Normal, houve irremovível obstáculo financeiro, que não me permitiu pagar as taxas de matrícula para os exames de admissão. Era assim em 1911... De sorte que foi o próprio professor Clementino Brito quem sugeriu que eu aguardasse, por mais um ano, a oportunidade perdida. E desse modo, eis-me atento às aulas do último ano primário, para não esquecer o que havia aprendido. Creio que já falei disso noutra ocasião, em que também recordei que o livro de leitura em aula era a Constituição Federal de 1891, e, para os estudos de Português, exigiam que analisássemos sintaticamente estrofes de “Os Lusíadas”...

Com isso tudo quero justificar o interesse com que, trabalhando na tipografia da “Folha do Comércio”, simples aprendiz, garoto entretanto ansioso de maiores conquistas, gostava de acompanhar as “Letras”, que o jornal mantinha, numa coluna bem assinalada e frequentada.

A 8 de julho do mesmo ano, ocupou-a Diniz Júnior, escrevendo do Rio a Barreiros Filho. Aludindo à geração literária de Barreiros e particularmente aos “irmãos pelo ideal”, citava Altino Flôres, Baby (Oton d’Eça), Haroldo Callado e Laércio Caldeira; admostrava-os assim: “Não vos importeis com o indifferentismo dos que passam as-

soviando intrigas e remendando linguagem. Se ninguém vos quer ler, soride e se vos bastar um só leitor para aprazer o desejo que tens de vencer, achareis em mim — que não invejo nada, porque não quero nada e nada tenho, — um, que vos admire”.

Altino Flôres retomava a 10 do mês a coluna, escrevendo a Barreiros Filho e ainda insistindo na imagem para referir que La Fontaine esqueceu por nos viscosos chifres da lesma um conceito moral e filosófico. “Nem sequer faz de uma figurinha secundária”. Não obstante, pondera Altino, “tirei-me de meus cuidados, dei de barato ao provável fracasso da idéia, e disse: — Divina lesma, tu és a dourada figura do sonho! — E desde essa hora (porque o quieste tu) ficou sendo a lesma, nos nossos curtos anais literários, o símbolo do sonho”.

Na edição de 11 de julho, Barreiros Filho escreve a Altino Flôres para referir-se a Diniz Júnior: “Temos bom general à vanguarda, abrindo-nos passagem, meigo, forte, fraternal, desapegado”.

E Altino, finalmente, na coluna de 15 daquele mês, dizia de Haroldo Callado a Barreiros Filho: “Se a modéstia não fosse uma virtude, diria ser nele um vício, porque a tem imperiosamente forte na sua alma excelente e jocunda”.

A troca dessas mensagens literárias, sempre no inalterável sentido afetivo e sublimado, continuaria, por muito tempo. Hoje, os dois amigos, irmãos pela sensibilidade artística e por elevação espiritual, haverão de sentir que nem tudo, na lesma, é ilusão. Porque o rasto que ela desprende na longa via que percorre, é algo que perdura, como subsídio moral à consciência da individualidade, assinalada pelo ideal que nunca morre.

Desprezando

Celestino Sachet

Sempre pensei que “rezar” fosse um ato de elevação a Deus.

Reza-se para pedir. Para agradecer. Para se comunicar com a divindade.

Reza-se para que os doentes melhorem. Para que os são não porem.

Reza-se para passar no vestibular. (Já vi gente colocando água benta na caneta!)

Muitas e muitas vezes, reza-se por rezar.

Agora, desprezar, é a primeira vez que vi.

Aliás, uma vez não. Duas.

De primeiro, foi numa cidade catarinense do extremo Oeste.

Havia uma briga danada entre duas autoridades locais.

Como a barra não se aliviava para um dos lados, o dito resolveu apelar para a desrezação.

E que beleza de desrezação!

Como a desoração me chegou às mãos? (Ela estava no fundo de uma gaveta de uma escrivaninha emprestada. E que ao voltar à origem não passou por uma vitória de limpeza. Ah! o perigo de se devolverem coisas sem uma análise do conteúdo!)

Pois no fundo, bem no fundo da escrivaninha lá estava a oração às avessas.

Uma oração, não. Três. Reputando: três.

Dirigidas a Santa Catarina. O que dá um certo sabor regional. (Tanto mais agora quando a pobre santa desceu dos altares. Dos altares não, perdão. Do rol dos santos veneráveis em âmbito universal).

Atenção, senhores desrezaadores. Aqui vai a fórmula geral das três.

“Minha gloriosa Santa Catarina, sexta-feira da Paixão, vos fostes aquela senhora que fostes ao Rio Jordão, abrandadas: 31 mil corações que entrou a porta de Abraão bravos como leões. Vós, com três palavras os abran-

dastes de tal forma que eles ficaram tão mansos como cordeiros nas vossas mãos. Assim eu vos peço que com as mesmas palavras abrandes os corações de meus inimigos, traidores e os que estão me desmoralizando para que fique tanto desesperados para incentivar-me assim como fica a cobra quando perde o veneno. Eu vos peço gloriosa Santa Catarina que mandes espíritos aos corações de meus inimigos, traidores, desmoralizadores, para que não tenham mais paz, nem sossego, nem descanso em parte alguma deste mundo, não possam mais comer, beber, dormir, nem descansar enquanto não me inocentarem, enquanto não serem meus amigos fiéis, sinceros, verdadeiros e dedicados.

Tenho por devoção, rezo e guardo esta oração dentro do meu coração.

Santa Catarina, rogai a Jesus por mim.

(Um Pai Nosso, uma Ave-Maria, uma Glória ao Pai. Reputir três vezes!).

Confesso que não posso compreender como combinar esta desoração com a parte do Pai Nosso que diz “perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a aqueles que nos tem ofendido!”

Estava a admirar essas belezas do sincretismo religioso brasileiro, saboreando os embaraços da Santa Catarina para atender ao pedido de mistura com Pai Nosso, Aves e Glórias, quando (deve ter sido o meu santo padroeiro que sempre me ajuda nas pesquisas) caiu-me às mãos, aqui em Florianópolis, esta jóia de rezação de uma alma desesperada. (Feminina).

E’ uma “oração das almas Santa Benedita, minhas almas santa Benedita, três que morreram enforcadas, três que morreram queimadas, três que morreram degoladas, três que morreram de mal de amor, juntem-se as três, as seis, as nove

e as doze, todas no coração de para que façam êle se esquecer de todas as mulheres, e que pense só em mim e em minha casa.

Se o miagre de êle só pensar em mim fôr aceito, dai-me um sinal por um carro que passe, um galo que cante ou uma criança que chore.

Minha Santa Pedra Dera (?) que no mar fôste achada e em Roma fôste batizada, dai-me o coração de ... para mim que eu para êle serei rosa mais pura e bela. Três Pai Nossos e Três Ave-Marias!”

Como se vê, a vida de Santo não é mais aquela mole de antigamente.

Santo virou pau de toda obra.

Santo deve fazer o bem. Santo deve fazer o mal. Santo tem até que cuidar de não-mulheres.

Como as coisas estão se tornando cada vez mais destorcidas, desviradas e complicadas eu tenho a impressão que no fundo, no fundo, os Santos devem ter dado um jeitinho.

Porque as coisas se resolveram a contento.

Não com os corações dos inimigos do primeiro desrezaador em frangalhos. Desmoralizados e desesperados.

Mas por separação. Um em cada canto. Como, vulgarmente se diz “longe dos olhos, longe do coração” é de se esperar que a estas alturas a pobre Santa Catarina já esteja mais descansada cuidando, inclusive de sua sobrevivência no meio da humanidade um tanto afastada das doçuras de Bem.

Se as almas Santa Benedita resolveram interferir na sociedade conjugal, não os sabemos com certeza. Temos a impressão que não!

Mas deverão fazê-lo em breve embora não tenham a experiência de abrandar os 31 mil corações no Rio Jordão.

Para onde vai o teatro rebelde?

Até onde vai a originalidade do teatro contemporâneo? "Hair" "Oh! Calcutá" e outras peças atuais, que tanta celeuma causaram são frutos exclusivos do pensamento da última década?

Um estudo detalhado do teatro contemporâneo nos Estados Unidos — maior centro teatral da atualidade — revela que a originalidade desses espetáculos é relativa. Eles não são também frutos exclusivos do pensamento da última década. Os futuristas, os dadaístas e surrealistas já haviam defendido a idéia de uma "avant-garde" teatral no início deste século. E, num certo sentido, sua concepção na época tinha muito mais propriedade do que em nossos dias.

Para que a "avant-garde" existisse foi sempre necessária uma audiência que, por sua rigidez, se situasse em posição contrária a ela. Em nossa época, tôdas as condições para a existência dessa "avant-garde" estão presentes, com exceção da principal: a audiência não é rígida, o público comparece ao teatro e ao cinema disposto a receber o "golpe" que lhe está sendo programado. Os artistas dessa "avant-garde" atiram em várias direções, nem sempre, porém, atingindo alvo.

O campo de maior interesse dessa "avant-garde" tem sido o teatro, que, por sua vez, passou a se chamar teatro Novo. Suas proposições mais importantes têm pouca relação com o velho estilo de representar: o palco já não é mais um lugar sagrado e a platéia tem uma participação igual ou maior do que a do ator. O Novo Teatro que não é tão Novo assim como possa parecer encontra suas bases em algumas destacadas figuras do movimento surrealista e dadaísta do início do século e na conclamação de alguns "deuses" do presente. Antonin Artaud, que há quase sessenta anos atrás já fazia a apologia dos alucinógenos, tem evidentemente um lugar de destaque nesse feérico e obtuso quadro.

O NOVO TEATRO

O Teatro Novo, nascido evidentemente, fora da Broadway — pretende uma participação sempre maior das platéias, que devem estar preparadas para serem agarradas, beijadas, sacudidas e chingadas. Muito cedo ainda, os advoga-

dos do Teatro Novo ignoraram a Broadway, antes mesmo do breve florescimento do Teatro do Absurdo na década de 50. As peças de Beckett e Ionesco eram pessimistas, apolíticas e literárias, consideradas o trabalho de elites que olhavam uma sociedade fechada, sob a perspectiva de um universo também fechado.

O Teatro Novo é político, vulgar e democrático; os personagens estão em todos os pontos e já não existe o palco. As palavras, os gestos e os locais perdem a santidade de que eram investidos. Tudo é lícito, a própria imoralidade não tem mais sentido do que a moralidade. A finalidade é invocar as imagens alucinantes de nossos tempos.

Como poderá uma audiência permanecer rígida diante disso?

AS TRANSFORMAÇÕES

Na década de 50, enquanto a técnica do teatro modificava-se, certos pintores simultaneamente estavam abandonando as limitações de suas telas; eles transformavam sua arte em contagens elaboradas; depois, numa segunda etapa, transformavam os ambientes, os escultores mostravam-se cada vez mais interessados no movimento. Quando os artistas começaram a usar personagens vivos para estabelecer relações com plásticos, borracha, som eletrônico e equipamento de luz, surgiu o Happening. Posteriormente o Teatro Novo, fundado em forças semelhantes ao movimento anterior.

Envolvendo isso tudo encontra-se ainda a música rock da juventude, e a filosofia hippie: os cabelos "anti-establishment", assim como os gestos e as roupas.

Em 1968, Judith Malina e Julian Beck, do Teatro Vivo, estavam entre aqueles que se impacientavam com as limitações dos "scripts" e começaram a seguir o conselho de Arturd: "queimar os textos". Fora de seus trabalhos experimentais, começando com "The Brig" em 1963 e prolongando-se com "Mysteries" e "Frankenstein", produzidos fora do país, eles davam ênfase a técnicas de autar e representar.

Quando a peça "Hair" alcançou a Broadway, o público estava tão receptivo para receber essa, como outras novidades. Logo depois da

estréia de "Hair" o diretor Tom O'Horgan disse que lamentava não poder ter feito tudo o que pretendia com a produção. "Eu gostaria de ter os hippies em carne e osso no teatro, durante algumas semanas" — afirmou. "Assim, quando o público viesse, haveria sujeira bastante, dando um toque de autenticidade ao local. O'Horgan é um "showman" sofisticado que surgiu fora da Broadway para se tornar o mais importante diretor do país em uma única temporada. Quando fez aquela declaração, estava realmente falando sério. Para a realização completa do Teatro Novo o que disse era necessário.

VÁRIAS TENDÊNCIAS

John Cage é um dos líderes do Teatro Novo. É um tipo frio e distante que não se interessa por política. Muitos de seus discípulos seguiram o caminho por ele imposto, mantendo o propósito de libertar o espectador da percepção de seu mundo, procurando quebrar a rigidez do ser social superprogramado. Seu grupo tem tantas divergências como aqueles mais radicais. Os principais seguidores de Cage são oriundos da pintura, escultura, dança, música, e cinema. Eles definem seus objetivos como uma tentativa de "dar às pessoas uma chance de descobrir onde elas estão, quebrando para tanto as formas de um pensamento atrofiado, etc". Outra tentativa deles é a de criar rituais que regem as relações sensoriais do homem com o ambiente contemporâneo. Usando a tecnologia, os detritos do ambiente urbano como materiais de arte eles procuram construir um Teatro de impacto e verdade.

Outro grupo que veio se unir a esse confuso panorama teatral foi o Teatro Aberto, liderado Joseph Chaikin, que mistura a polêmica com técnicas experimentais. Discípulo do Teatro Vivo, Chaikin trabalha com dramaturgos como Jean Claude Van Itallie ("América Hurrah") e Megan Terry ("Viet Pock"), para desenvolver seus atores e diretores em novas idéias de produção.

O Grupo de Representação, dirigido por Richard Scerchner, editor da "Revista Drama", é mais conhecido atualmente pela produção "Dionísio em 69", uma adaptação de "As Bacantes" de Euripi-

des, na qual a nudez ocasional e os episódios dionísios são divididos com a audiência. Scerchner é influenciado também pelo Laboratório de Teatro Polonês, de Jerzy Grotowski, tendo já estudado com Grotowski. Ele trouxe para seu grupo a noção de confrontar seus atores com o texto, com o propósito de retirar o maior número possível de respostas e associações. O Instituto Estalén (confrontação interpessoal) e também uma influência dominante que, baseando-se nas teorias de Grotowski, pode ser responsável por haver introduzido uma nova tendência do puritanismo norte-americano no teatro: a platéia salva-se de su psique retorcida envolvendo-se com um grupo de atores moralmente elevado. (Scerchner: "Um de sua psique retorcida envolver um grande ator").

A troupe de São Francisco, dirigida por Ronald Davis, começou há sete anos, interpretando no estilo exagerado da Comédia Dell'Arte. Via a sociedade como um bando de camponeses sob o dedo de exploradores rapaces. Hoje pertence ao grupo rebelde.

O Teatro de Rua é um gênero especial. Monta pequenas peças que são representadas em reuniões políticas ou em ocasiões semelhantes. Outros grupos — tais como Alma de Maryat Lee e Teatro Latino — usam jovens dos "ghettos" na criação e produção de peças importantes para as circunstâncias.

Companhias negras também estão representando em várias partes do país. Muitas delas graças às verbas para o programa de pobreza que são distribuídas. Alguns são grupos experimentais e outros são tradicionais; e, desde que seu objetivo imediato é escrever, representar e desenhar cenários da comunidade negra — sua existência deverá ter um papel cada vez mais importante. Há outros grupos ainda que para darem maior realismo às suas apresentações (a peça "Riot", em Boston) levaram para o palco não só o cheiro dos "ghettos", como a sujeira e, também, os ratos.

A união do teatro avançado norte-americano com a política radical deu nascimento ao Teatro Novo. Para muitos, é tem características nitidamente norte-ameri-

canas, embora suas bases encontrem-se na Europa, com os movimentos futuristas dadaístas e surrealistas.

DADAISMO

A obra que foi a semente do movimento dadaísta chama-se "Ubu-Rei", peça escrita por Alfred Jarry, representada pela primeira vez em 1896. Trinta anos depois, os futuristas italianos, liderados por Filippo Tommaso Marinetti, clamando a que se queimassem os museus, diziam: "Nós somos os primitivos de uma nova sensibilidade completamente modificada. Marinetti pregava um teatro que deveria incorporar o cinema e de cobertas da eletricidade, a fim de expressar o sentido móvel da vida, "no altamente mecanizado mundo moderno". Sete anos mais tarde, no meio da Primeira Grande Guerra, nascia o dadaísmo em Zurich, "no movimento anti-arte que tinha o objetivo de romper com "a sólida mente burguesa". O movimento Dada incluía uma série de atos, entre os quais sapatear sobre o Túmulo do Soldado Desconhecido.

No começo da década de 20, houve uma cisão no movimento dadaísta, dando origem ao surrealismo. Os surrealistas, inspirados pelo primeiro impacto das idéias freudianas, e acreditando que o mundo burguês havia terminado com o término da Primeira Grande Guerra, começaram a pensar em termos de reestruturar a personalidade humana. Eles acreditavam que isto seria possível com o auto-conhecimento, através do automatismo e da interpretação dos sonhos. As suas concepções para as representações teatrais, muitas das quais irrealizáveis, incluíam acontecimentos, tais como a quebra de um gigantesco espelho em frente dos olhos da platéia.

Foi nessa atmosfera de apaixonado protesto social e de ruptura com a arte tradicional que Artaud formou-se. Sua rebelião visava ao teatro clássico francês. Observando a dança mítica e sensual das representações do Teatro de Bali, chegou à conclusão de que as palavras eram a fonte do mal teatral e que o teatro deveria voltar ao ritual (dança) de sua origem. Esse era o "teatro da Crueldade".

Enquanto isso na Alemanha, a

concepção de uma união de tôdas as artes com a tecnologia estava sendo defendida pela Bauhaus, um instituto educacional que manteve unido em toda Europa artistas interessados em movimentos mais avançados. Entre esses artistas encontrava-se Laszlo-Moholy-Nagy, que estava particularmente interessado no uso do movimento e da luz para as esculturas.

Hitler e a Segunda Guerra Mundial puseram um ponto final em tôdas as experiências que estavam sendo realizadas, provocando um afluxo de artistas para os Estados Unidos o que iria transformar a cultura daquele país. Ainda que tivesse havido uma exposição dadaísta na década de 30, foram alguns expatriados norte-americanos que pela primeira vez ouviram falar no movimento, quando viam em Paris. Marcel Duchamp, por exemplo, que foi para os Estados Unidos, não como artista, e sim como jogador de xadrez, acabou tendo grande influência, principalmente em John Cage.

O teatro novo justificou-se muito em razão da falta de um poderoso dramaturgo. Embora esse movimento contenha bastante vitalidade, os dramaturgos que o sustentam não acompanham seu ritmo, sendo considerados medíocres em sua maioria. Edward Albee, o último bom dramaturgo norte-americano, parece agora mais preocupado com o teatro comercial da Broadway, do que com o que se faz, ou se promete fazer, fora da Broadway. O gênio do Teatro Novo está assentado sobre três figuras: Sam Shepard, Van Itallie e Bárbara Garson. Evidentemente é muito pouco para um movimento que pretende destruir tradições seculares. Há porém, um poderoso aliado desse movimento: O CONSUMO. Esse mesmo consumo que eles combatem em suas peças. Ele influencia psicologicamente a platéia, fazendo com que ela exija as inovações num ritmo de uma eterna revolução.

As inovações defendidas pelo Teatro novo são bem quistas e, até mesmo, invocadas pelo espectador, acostumado, através da extraordinária máquina de publicidade de nosso tempo, a aceitar as inovações como um bem, enquanto o passado e o presente desgastam-se rápido e inexoravelmente.

Eden distante

Francisco Paz do Nascimento
CAPITULO DECIMO-QUARTO

O celeuma de numerosa assistência impediu Karla de prosseguir no assunto. Havíamos chegado ao estádio. Como a entrada era franqueada ao público, não tivemos dificuldade em tomar assento nas gerais.

Ao centro, o gramado fosforescência. Em tórno, a estrutura interna lembrou-me o estádio do Maracanã quando da minha última viagem ao Brasil: se bem que o estádio que ora abrigava a incul-

culável multidão fosse bem maior e mais cômodo. Era totalmente construído em material translúcido, o que também permitia apreciar-se o jogo do lado de fora. Tão logo as duas equipes deram entrada no gramado, teve início um movimentado jogo coreográfico, análogo ao tênis terrestres. Bolas coloridas eram movidas no espaço, em incriveis volantes, pela ação do magnetismo controlado pelos atletas. Estes, envergando trajes radiotivos, de cores irisadas, produziam maravilhosas auras de luz. As bolas, ao invés de serem rebatidas, eram ca-

çadas no ar por meio de saltos acrobáticos. A coreografia enchia os olhos. As pequenas membranas que davam notora salientes acima das escáfulas, funcionavam agora como duas pequenas asas. Os ginastas, ao descender dos saltos, distendiam-nas imitando a pôse do pássaro ao pousar, os braços abertos, os pés juntos, o tronco levemente inclinado para a frente. De tal modo que, ao tocar o solo, faziam-no com suavidade, quais focos de luzes de gradação amena. Ora saltando por sobre os companheiros, ora deslizando sobre o gramado, atingindo distân-

ças consideráveis, recordando pseudo-criaturas aladas de um festivo tecnicolor cinematográfica em câmara-lenta. — Que tal. Gostou? — Imensamente, comandante. — Todos os meses realiza-se essa olimpíada. Da última, o troféu nos pertenceu. — Vovô. Vamos ver o homem de barbas brancas tocar? — Este meu neto é uma parada. — O que houve? — Bem... era uma surpresa. Mas agora... — Ora, ora. Vamos lá. — É que, por ocasião dos

lugos cômicos, o conselho governamental convoca os gênios da música marciana para abri-lhantarem os festejos. Daqui a menos de meia-hora será levado um concerto a público. Essa multidão dirige-se para lá. — E o que estamos esperando? — Sossegue. Nossos lugares estão reservados na primeira fila. — Pensou em tudo, heim, vovô? — Tem de ser assim: pensar muito para agir certo. — Pai, por favor! Não nos canse com a sua filosofia sexagenária... já está superada.

Rimos a gosto e retornamos ao veículo aéreo. Momentos após estacionávamos de frente ao departamento da música. De onde me achava, o departamento figurava-se-me uma enorme bola de cristal achatada de encontro ao solo. Segundo informação de Ajax, seu formato tinha sido convencionado em favor da melhor acústica. Caminhamos na direção de um dos pórticos e demos entrada no salão. Quando, então, fui nova e prontamente reconhecido pelos presentes. Karla, no intento de desinibir-me, sussurrou, já sentada ao meu lado: (continua no próximo número)

Carnaval 1922

Marques Rebelo

Maria Rosa ficava no fim da serpentina, cabelos deslumbrantes de alvoroço e dourado, bailarina azul solitária sobre a capota descida do trepidante automóvel.

O curso rodava, vagaroso, em tripla fila, com amplas e seguidas paradas, entre elas de ditos e fantasias — havia corso, então, foi há tanto tempo que os automóveis ainda não eram fechados para os donos não sofrerem frio ou poeira e esconderem melhor seus mistérios de amor.

Em parábolas, as serpentina cortavam o ar da Avenida, desaguadoiro dos foliões de todos os bairros, compacto manto feliz de narizes falsos, máscaras grotescas, vozes de falsete, cantos rodopios, reco-recos.

A serpentina não findara. Maria Rosa recolheu no regaço de filó o rôlo quase intacto; num gesto difícil, desajeitado, devolveu a fita amarela com o beijo na ponta, que veio estalar no coração juvenil e que ainda hoje ecoa com a mesma cor e fragrância na entrada de um outro Carnaval sem corso e sem serpentina.

"Ai seu Mé!
Ai seu Mé!
La no Palácio das Águias
Olé!
Nunca hás de pôr o pé!"

Das sacadas peçadas de gente tombavam os confetes, gotas multicores de papel, que escondiam o chão; o céu ameaçador para os lados do mar estremecia de relâmpagos; o calor como onda misturada de éter perfumado não diminuía o furor de alegria; e o chíli dos lanças-perfumes e os gritinhos nervosos das moças atingidas pelo friozinho folião e gentil.

A serpentina parecia inextinguível. No meio de mil outras, minha e amarela, ligava dois desejos fugazes por suas pontas frágeis. Novamente cortou o espaço a caminho do regaço azul. Parou no meio, finda afinal, ficou vibrando no ar como desesperada bandeira compridíssima. Ah! — abriu a boca pintadíssima — outra! outra!

Vouu ao maravilhoso apêlo a serpentina azul, que se confundiu no saio de da bailarina por três

dias e as pernas alvas cerraram-se para contê-la.

Vem serpentina azul, vem serpentina vermelha, os estandartes improvisados requebram no meio do povaréu, os trombones usam toda a voz, os pandeiros, os chocalhos, os instrumentos improvisados com latas e caixas de charuto atordam, tôdas as bôças, milhares de bôças sabem de repente a mesma canção, um único ritmo como que sacode a Avenida de ponta a ponta, e Maria Rosa canta também e sacode-se, bamboleia, bate palmas, mexe com os desconhecidos e segura-se medrosa aos ferros da capota, quando o carro dá um arranco para parar dois metros adiante.

"Ai seu Mé!
Ai seu Mé!
Lá no Palácio das Águias
Olé!
Nunca hás de pôr o pé!"

Maria Rosa tem pouca direção nos seus golpes — a serpentina verde passa longe do meu alcance, a violeta bate no pára-brisa, a branca atreve-se a deslizar pelo grande bigode do chofer ao meu lado — quantas se perdem pelo chão, escondendo-se no tapêto de confetes, esmagadas pelos pés dos mascarados e pelas rodas dos carros!

Mas mesmo assim os nossos carros vão se unindo na trama rápida e enamorada das fitas de papel — sou rico de serpentina, de entusiasmo, de desejo. Os pierrôs que a acompanham — três, de préto, imensas golias escarlates de tarlana e guizos — vivem o seu momento carnavalesco em pé no automóvel. Do meu lado os companheiros têm olhos para outros acontecimentos. E estamos como que nós no meio da desordenada batalha e os carros chegaram a ficar tão juntos que nos falamos.

Debrucei-me no pára-brisa:

— Como é o seu nome?
Passa o caminho de crianças e girassóis, como um imenso curamanchão, num alarido:

"O povo só quer a goiabada campista,

Rolinha desista,
Abaixe esta crista..."

Insisti:

— Como é o seu nome?
Apurou o ouvido:

— Qué?

— Como é o seu nome? — e o chofer me olhava de soslaio.

Trazia a bôça pintada em forma de coração:

— Meu nome? Para que saber? Atrevidíssimo, delirante:

— Porque gostei de você.

Tão brejeira:

— Oh!

Oos carros arrancam, em estampidos e fumaça, o fume de serpentina resiste ao relesamento, os relâmpagos amadurecem, se escurece não é só a tarde, é a tempestade de verão que vem e é preciso aproveitar todos os minutos.

— Não quer dizer?

Fazia troçoitos que não.

— Por qué?

Jogou na serpentina, soprou uma coruja de papelão, cochiçou corô de três pierrôs.

De braço com um dominó, a caveira passa com a curva foice arrempeando os medrosos — sai azar! O urso sacode o corpanzil de anagem — se agredessem um fósforo era uma vez um folião! Uma nova canção brota de tôdas as bôças.

"Ó pé de anjo!
Ó pé de anjo!
És rezador, és rezador.
Tens um pé tão grande
Que és capaz de pisar
[Nosso Senhor!]"

Ai eu já implorava:

— Não quer dizer?

Era linda! Os dentes miúdos como bagos de milho brancos, manchas de sol ao longo dos braços trigeiros, o corpete tão justo que fazia uma marca no peito, o suor escorrendo pelas faces de carmin. A falasca serrou o céu. As primeiras gotas, enormes, estalaram, oh! rugiu a Avenida inteira — chuva!

— Maria Rosa! — gritou ela no meio do oh! imenso e retumbante como trovão.

A chuva caiu como um sólido, fulminante, diluvial, batia no chão e levantava-se branca como vapor. Num átimo as sarjetas se encheram, os ralos entupidos de confetes e serpentina afogados. Em debandada o povo fugia para apinhados e precários abrigos.

O automóvel dela, destro, enfiou pela primeira rua. Ia encharcada já, acenando com o braço de sol. O nosso, por estupidez do chofer, continuou ainda, para fugir afinal por outra rua adiante.

O CARNAVAL NASCEU NO RIO

Se os velhos cronistas não se enganam, os cariocas estarão brincando, neste ano de 1970 o seu 329º carnaval.

Não é que antes de 1641 a festa fosse desconhecida da pequena cidade de menos de 10 mil habitantes, mas é que nesse ano o Governador Salvador Correia de Sá e Benevides, numa puxada memorável ao Senhor Rey D. João IV, restaurador do Trono de Portugal, promoveu a partir da noite do domingo de Páscoa, 31 de março, um verdadeiro carnaval que durou uma semana.

As festas começaram com uma encamisada em que 166 cavaleiros — entre eles o próprio Governador — percorreram as ruas vestindo compridas capas brancas e dando vivas a D. João IV. E por tal forma que, sem poderem imaginá-lo, estavam formando naquele momento a primeira Comissão de Frente da história do carnaval carioca, pois que vinham puxando um préstimo formado por dois carros ornados com sedas, ramos e flôres, "e tão preenchidos de música — como dizia um cronista — que em cada princípio de rua parecia que o Céu se havia humanado".

Embora, pela regra, o Carnaval deva cair sempre sete domingos antes da Páscoa, essa primeira semana inteiramente dedicada à folia oficial, começou logo firmando o princípio — jamais contrariado posteriormente pelos cariocas — de que nunca é tarde para um bom carnaval.

Na segunda-feira houve alarde geral, combates simulados na terça e jogos de canas na quarta, quinta e sexta-feira, para não fugir à tradição dos carnavais, houve. No sábado, porém, houve corrida de argolinhas e, domingo

— no caso um autêntico Domingo Gordó, em plena Páscoa — duas companhias integradas pela gente principal da cidade tirou de fino os seus blocos de sujo, mascarando-se e vestindo-se "ao gracioso burlesco".

Também, parece que no Séc. XVII foi só. Já no Séc. XVIII, um maior número de verdadeiros carnavais fora da época ficou na história, datando desse tempo o costume (ainda tão em uso) de se aproveitar da confusão e das máscaras para se acabar com os inimigos. No carnaval de 1711 — precisamente às oito horas da noite de 18 de março — um grupo de mascarados entrou em certa casa da Rua da Quitanda, esquina com a atual Avenida Presidente Vargas, e assassinou o comandante da fracassada invasão francesa de meses antes, João Francisco Diclenc. No carnaval de 1720, outro grupo de carnavalescos desceu do Morro Velho e matou o Ouvidor Martinho Vieira, por ordem do Mestre-de-Campo Pascoal Guimarães — tudo na base da brincadeira.

Carnaval, mesmo, no entanto, foi o de 1786, que coincidiu com as festas organizadas para comemorar o casamento do Príncipe D. João (o futuro D. João VI), com a Princesa Carlota Joaquina.

Pessoas que 20 anos antes, em 1763, haviam assistido à passagem dos carros dos marceneiros e sapateiros, quando das festas pelo nascimento de D. José, primogênito de D. Maria I, concordaram em que jamais se havia visto, no Rio de Janeiro, um desfile de carros alegóricos como o idealizado e executado pelo tenente agregado Antônio Francisco Soares.

Nem mesmo 131 anos depois, quando o Congresso das Sumida-

des Carnavalescas lançou com seu desfile de 1855 a novidade das Grandes Sociedades, nem aí os cariocas veriam coisa igual. Os préstitos de Soares eram compostos por nada menos de seis carros — de Vulcano, de Júpiter, de Baco, dos Mouros, das Cavalhadas Sérias e das Cavalhadas Jocosas — e todos feitos, segundo o autor, "de arquitetura perspectiva e fogos".

Milhares de cariocas assistiram aos acontecimentos mais extraordinários, nesse ano em que as festas duraram de dois a quatro de fevereiro e ainda continuaram a 28 de maio: o carro de Vulcano — à frente do qual uma serpente vomitava chamas — representava uma montanha em que se via o deus grego forçando seus raios, e levava dentro, oculta, "uma música vestida à trajica, executando harmonias". O de Júpiter era puxado por uma grande águia com a coroa imperial na cabeça. O dos Mouros levava atrelados os cavalos do próprio Vice-Rei, D. Luiz de Vasconcellos e Souza. O das Cavalhadas Sérias tinha 50 palmos de altura e era ladeado por 24 cavaleiros "das mais nobres famílias". O das Cavalhadas Jocosas ia acompanhado por figurantes montando burros, todos vestidos de doutores. E havia ainda — sucesso total — a surpresa do Carro de Baco, que ao chegar ao ponto final do desfile, no Passeio Público, começou a jorrar o vinho por três repuxos, diretamente na gola dos interessados.

Nos anos em que nada havia de extraordinário para comemorar os cariocas participavam, na época normal, da espécie de vale-tudo que se denominava entrudo, palavra vinda da expressão latina introitus, designativa da primeira parte das cerimônias litúrgicas da

quarta-feira de cinzas. Durante os séculos XVII e XVIII os maiores foliões foram os estudantes do Colégio dos Jesuítas, do Monte do Descanso (depois do Castelo, o mesmo que, arrasado, deu lugar à Esplanada do Castelo). Os alunos dos jesuítas, segundo as informações eram grandes organizadores de passeatas e, de certa feita, consta que o enredo do seu desfile obedeceu ao sugestivo tema das "Onze Mil Virgens", não faltando para a alegria dos olhos "mascarados, fantasias e até alegorias".

No Séc. XIX, com o rápido crescimento da população do Rio de Janeiro — que no início da República, em 1890, já alcançava 522.651 habitantes — a massa dos foliões seria engrossada pelos negros e mestiços: primeiro como escravos, depois como trabalhadores ou componentes da legião dos excedentes de mão-de-obra de onde sairia a figura do malandro carioca.

O entrudo era brutal. Pouca gente das camadas médias da população tinha coragem de sair à rua durante o carnaval, tal era a violência dos jatos d'água disparados de grossas seringas de metal, e a porcaria das tinas de detritos vasados do alto das janelas.

Assim, foi para que também as pessoas "de boa sociedade" pudessem participar da brincadeira, que em 22 de janeiro de 1840 realizou-se no Rio o primeiro baile de máscaras: o baile do Hotel Itália, no Largo do Rossio, no mesmo local em que se ergueria depois o Teatro São José, hoje Cinema São José, na Praça Tiradentes.

Nesses tempos pioneiros a entrada custava dois mil réis, com direito ao "buffet".

Paralelamente, a polícia, pres-

tionada pelo moralismo das "famílias", voltava-se cada vez mais contra o estilo de brincadeira do grosso do povo, no sentido de abolir o estrudo.

O ideal das pessoas finas, nessa época em que o próprio Imperador D. Pedro II não desprezava os seus limõezinhos de cheiro, esburrando-os nas costas das irmãs, no Paço de São Cristóvão, era o carnaval veneziano, cuja delicadeza seria simbolizada na criação do confete.

A primeira vitória seria alcançada com o desfile, em 1856, do préstito das Sumidades Carnavalescas, logo seguido do da União Veneziana e, a partir de 1858, dos Zuevos, atraindo a atenção da própria família imperial, que vinha do Paço para aplaudir "a rapazada alegre".

Esse momento do meado do Séc. XIX, em que um carnaval de estilo europeu anunciava o aparecimento de uma classe média moderna, lançando-se à rua lado a lado com o entrudo cultivado pelas camadas mais baixas, foi o instante dialécticamente mais rico da história da grande festa da cidade. A tal ponto que, pouco depois, nos primeiros anos do presente século, haveria praticamente três carnavais no Rio de Janeiro, desenvolvendo-se no maior exemplo de coexistência pacífica já verificado no quadro das diferenças sociais: o da "gente bem" nos grandes clubes (o "High Life" surgiria em 1908) e nos cursos, à base da novidade dos automóveis conversíveis; o dos remediados na Rua do Ouvidor e, depois, na Avenida Rio Branco, e, finalmente, o dos pobres no jardim da Praça Onze, destruído na década de 40 para dar passagem à Avenida Presidente Vargas.

O exemplo de organização das grandes sociedades começou a influir nas comunidades de carnavalescos pobres e, assim, aproveitando o esquema das procissões, já paganzadas no folclore, surgiram primeiro os ranchos, depois os cordões, depois os blocos e, finalmente, as escolas de samba, resumindo a soma de tôdas as experiências.

A diversificação das atividades urbanas, destruindo a homogeneidade dos grupos de "rapazes" responsáveis pelos Grandes Clubes, levou à decadência das Sociedades. O aparecimento do rádio e do cinema relegou ao segundo plano o teatro de revista, no papel de lançador das músicas especialmente produzidas para o carnaval, outra novidade surgida no fim do século.

Os chamados grandes bailes ficariam reduzidos aos do Teatro Municipal e do Copacabana (grande parte do "society" foge hoje para o clima ameno das serras e das estações termiais), divertindo-se o grosso da classe média e mesmo do novo povo ao som das orquestras de salões, abertos exclusivamente para bailes de carnaval.

As camadas mais pobres — moradores nos morros e nos subúrbios distantes — descentralizariam o carnaval, fazendo famoso, por exemplo, o carnaval de Madureira, ou passariam a desfilar pelas ruas apenas nas escolas de sambas ou nos blocos feitos para dar "shows" ambulantes, como o do "Bafo da Onça".

Há quem diga que o carnaval carioca está em decadência. Mas há já bem um século que se diz isso e, não obstante, o Rio de Janeiro se prepara para ver passar o seu carnaval.

É CARNÁ TROPI

Lagartixa, primeiro e único, começou a reinar sexta-feira e o pedacinho de terra perdido no mar já está entregue aos seus festejos, apesar do calor, arrefecer o ímpeto da maioria dos foliões. Mas se as noites são quentes o carná tropi da ilha também o é. Nos clubes os salões estão sempre cheios e nas ruas é aquele plá: o pessoal sublima os seus revesses e as suas vicissitudes, fantasiado de Rei, Pirata ou Jardineira.

Ailton da Silva, 45 anos, 32 de carnaval, 14 de Rei Momo e uma das mais pitorescas figuras do folclore ilhéu, acha que o carnaval de rua vem perdendo, gradativamente, a sua animação. "Faltam os blocos-de-sujo que eram a verdadeira alma do carnaval florianopolitano". Lagartixa — como é popularmente conhecido — prega o retorno desses blocos, "pois eles davam um toque característico ao nosso carnaval de rua, conhecido em todo o país como dos mais animados."

— Os sujões representavam o mais autêntico espírito popular do carnaval, alegravam as tardes no centro da Cidade e contagiavam a população e os turistas, fazendo uma verdadeira "preliminar" dos grandes desfiles de Escolas de Samba.

Lagartixa pretende percorrer todos os clubes neste carnaval e nelas presidir a folia. Ele espera receber a investidura ainda por muitos anos e é francamente partidário do continuísmo.

— Não posso deixar disso. O carnaval está no meu sangue.

O carnaval de rua de Florianópolis é um dos mais famosos do país — tem hoje uma de suas noites de gala. O tradicional desfile das Grandes Sociedades terá por palco este ano a Avenida Mauro Ramos, local mais espaçoso e

apropriado para o corso. O espetáculo desperta a atenção de toda a população e, particularmente, dos turistas que ficam impressionados com a arte e o engenho dos carros alegóricos e de mutação.

A Sociedade Carnavalesca Tenentes do Diabo começou a trabalhar para o carnaval nos primeiros dias de junho, contando com uma equipe de 20 abnegados que trabalhou 8 meses na base do amor à arte, remunerando apenas a dois carpinteiros. As verbas provenientes dos Poderes Públicos foi suficiente para atender as despesas e a Sociedade manteve uma situação financeira estável. Os Tenentes nasceram em 1939 e depois de sua primeira aparição paralisaram suas atividades até 1942, quando retornaram às ruas, alegrando o carnaval. Os seus dirigentes não encaram os desfiles com um ânimo competitivo, preocupando-se exclusivamente com o seu sucesso perante o público. Todos lamentam que a Comissão Organizadora não visite os galpões das entidades carnavalescas para ver de perto o andamento dos trabalhos e testemunhar as dificuldades que sempre surgem.

As principais atrações da Sociedade são os seus carro-chefe, alegoria, e duas mutações: Seleção Brasileira e Viagem de Netuno.

A Sociedade Carnavalesca Granadeiros da Ilha é tão tradicional quanto a sua concorrente de tantos carnavais. Seus dirigentes lutam, com grandes dificuldades financeiras e acham que as verbas concedidas não foram suficientes para a empreitada carnavalesca. O principal problema da Sociedade é o seu galpão, já muito velho e alquebrado. Contando com a ajuda dos Poderes Públicos e de particulares, os Granadeiros esperam



Carnaval Ciesi Moi

confirmar a sua tradição carnavalesca e o título do ano passado. Se isto acontecer, a Sociedade terá conquistado o tricampeonato. Fundada a 2 de março de 1949 os Granadeiros são desde então uma força do carnaval florianopolitano.

A Sociedade Carnavalesca Vai ou Racha não tem a mesma tradição das outras duas, consideradas maiores. Fundada em 1960, tem participado regularmente dos desfiles, tornando o carnaval mais colorido e surpreendendo as vezes com criações artísticas da melhor qualidade.

O desfile de hoje terá início às 20 horas e os carros de alegoria e mutação se deterão em três locais: Defronte a Cobal, perante a Comissão Julgadora e em frente da Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Ninguém deve perder o espetáculo, principalmente os turistas que visitam a Cidade.

Amanhã o carnaval continua e terá outra de suas noites mais brilhantes. O desfile das Escolas de Samba é um espetáculo de ritmo, arte e coreografia já consagrado ao longo de muitos carnavais. As três grandes escolas — Protegidos da Princesa, Embaixada Copa Lord e Filhos do Continente — garantem o show noturno da segunda-feira de carnaval.

A Escola de Samba Protegidos da Princesa foi fundada em 18 de outubro de 1948 e sempre se destacou nos carnavais, quando não vencida ou arrebatava títulos. É uma escola acostumada a ser campeã e este ano parte para a conquista de mais um tri. Desfilará com 250 componentes, dos quais 75 integram sua grande bateria. As fantasias já estão prontas e a escola está na maior animação. O presidente dos Protegidos, Hélio Norberto da Silva, acredita em

mais um sucesso da escola. Todos aprovaram a mudança do local dos desfiles, achando que "a Avenida Mauro Ramos é mesmo o melhor lugar, oferecendo mais espaço para as evoluções". Seu endereço: "Independência do Brasil Imperial".

A Escola de Samba Embaixada Copa Lord deixou de participar do desfile do ano passado, mas este ano ressurge com força total e assume o seu lugar de destaque no carnaval ilhéu. É outra escola campeoníssima. As verbas dos Poderes Públicos ajudaram mas não foram suficientes. A colaboração de particulares completou o seu esquema financeiro. A escola vai desfilá com 200 componentes, sendo 76 da bateria. O presidente Armandino Gonzaga está confiante: "este ano ninguém nos tira o título".

A Escola de Samba Filhos do Continente não conta com a mesma tradição carnavalesca das outras duas, mas sua presença nos carnavais da ilha vem se aperfeiçoando gradativamente a ponto de já disputar títulos de igual para igual com as suas concorrentes. Desde que foi fundada, em 1953, ainda não ganhou nenhum título "o que desestimula o pessoal" — afirma Dna. Geninha, a presidente da escola, que tem sede no Estreito. Os componentes dos Filhos do Continente são 200, inclusive os 50 da bateria. As verbas não foram suficientes e as dívidas são muitas, "mas este é um assunto para depois do carnaval". A escola não aceitará a participação de extras, isto é, dos participantes de concursos de fantasias, "pois sua intervenção prejudica a harmonia e a coreografia". Os Filhos do Continente e todos os foliões atenderam o chamado de Rei Momo e a ordem é mesmo sambar.

Carne vale, à Deus à carne vulgo carnaval

Pedro Pradel

Não, todo mundo sabe que o Carnaval não foi inventado no Brasil. Só aperfeiçoado. Brasileiro tem muito jeito para essas coisas. Mas a verdadeira história é a de que Baco, filho de Júpiter e Sêmele, perdeu a mãe antes de nascer. Então, foi encerrado durante alguns meses na coxa de Júpiter, de onde saiu no dia designado para o nascimento. A educação de Baco compreendeu um largo e proveitoso período com as ninfas da Trácia e tudo que se sabia a respeito de vinhos. Certa vez, num dia de tédio em que lamentava o seu desligamento prematuro do seio materno, Baco resolveu inventar o Carnaval. O maior feito de Baco, o entanto, foi que ele inventou o Carnaval e não inventou a televisão, o desfile de escolas de samba, o concurso de fantasias e os disc-jockeys.

No entanto, os estudiosos do

Carnaval costumam se perguntar como seria a bachanal baqueana, sem o poderoso estímulo dos lança-perfumes e das marchinhas como **O Teu Cabelo Não Nega**. Sabe-se que as charangas da época eram compostas somente por apriados. Na falta do lança-perfume, do uísque e do LSD, usava-se pura e simplesmente vinho especialidade de Baco, o que tornava a coisa um pouco monótona: a única variação era entre o tinto e o branco. Baco devia cortar uma volta para se divertir.

O primitivo carnavalesco de Baco, apesar disso, não lhe tira os méritos de legítimo pioneiro. Os gauleses e demais bárbaros encarregaram-se depois de introduzir umas bossas diferentes nas carnavais medievais, comecar pelo ritmo: descobriram que as liras e harpas eram ideais para a Quarta-Feira de Cinzas mas eram impres-

táveis para a folia, logo, chutaram-na para a lateral e substituíram-nas por tambores. Dizem até que o primeiro pandeiro foi feito com a pele do imperador Diocleciano, mas os documentos históricos não abonam suficientemente essa suposição. O fato é que o Carnaval acabou por se constituir mesmo numa orgia bárbara.

Pela Idade Média afora, o Carnaval continuou recebendo aperfeiçoamentos, e chegou a tal ponto de perfeição que foi condenado pela Santa Inquisição, como orgia pagã. Muitos passistas medievais foram queimados, o mesmo acontecendo com os primeiros letristas carnavalescos. Ainda não existiam as modinhas populares na época, mas se existissem, seriam imediatamente remetidos ao Index como literatura profana, "destinada a semear a discórdia e a insubmissão das ove-

lhas contra o pastor", como reza o edital de 1213 em Badajoz, na Península Ibérica. O Carnaval, apesar de todas as perseguições, continuou a ser praticado em clandestinidade, o que lhe dava ainda um toque mais safado. Com o Renascimento, veio a oficialização das bacanais, já que então se compreendia que elas arçam o espírito, expulsam os demônios e candeias no entendimento.

De lá para cá, o Carnaval sofreu ascensões e quedas repentinas ou paulatinas. Até que um dia — enfim! — cantou timidamente um primeiro reco-reco num morro da muy leal e heróica cidade de Sam Sebastian do Rio de Janeiro, no local hoje conhecido como a Favela do Esqueleto, segundo afirmam e provam os entendidos. A partir daí, a história do Carnaval se conta por si mesma. Em 1840, o primeiro baile

carnavalesco, na Praça Tiradentes. Depois, o aparecimento do Zé Pereira, do maxixe, dos cordões, do Abre-Alas, do primeiro samba com nome de samba (Pelo Telefone, 1917), da batucada, do samba-enredo, do corso, da batalha de confete, do lança-perfume, da serpentina, e mais pierrots, arlequins, colombinas, jardineiras, mulatas, etc. etc. Bem: até aí nada demais. Depois é que foram inventar o disc-jockey, o concurso de donzéis fantasiados, o desfile de escolas pra turista ver, a proibição do lança-perfume e outros macetes para tornar o Carnaval chato. Pois bem: não conseguiram.

O grande problema do folião é decidir qual fantasia ele vai usar: vaqueiro? marcinho? astronauta? árabe? havaiano? Uma sugestão: fantasie-se de você mesmo. Será engraçadíssimo para os outros.

Roteiro do anti-carnaval

Walter Hansen

Para os psicólogos, o Carnaval é o período em que Eros entra em ação: o instinto reprimido e arrolhado durante todo um ano encontra nos três dias de Carnaval uma válvula de escape para ejetar toda a energia acumulada nos restantes 362 dias do ano. Seria a Era dos Eros, portanto. Para começar, dizem os psicólogos, há a chamada interação sub-consciente, que trocada em miúdos, é mais ou menos o seguinte: como já há um cheiro de esbórnia no ar, você se sente estimulado a ensair uns passinhos de samba no banheiro, ao som do radinho de pilha, mesmo achando tudo aquilo muito ridículo. Acontece que, no banheiro do apartamento ao lado, seu vizinho faz o mesmo e uma radiação gasosa, cor azul-cobalto, passa de um para o outro, muito subconscientemente. No instante seguinte, cada um passa a ser o alterego do outro e, se não houvesse uma parede a separá-los, e seu vizinho (ou vizinha, de preferência) já estariam empunhando cuicas, em pleno delírio. Na rua, o mesmo processo se repete, só que desta vez em massa, e como não há paredes separando ninguém, cada indivíduo sente-se afetiva-

mente ligado ao outro, depois a um cordão, posteriormente a um bloco, e, se a compostura não entrar em cena, pode aderir à pri-

meira passagem do Bafo da Onça pela sua rua.

E não é preciso mais nada: ao primeiro repicar de reco-reco, todas as neuroses transbordam abundantemente. Aquelas cidadões de gravata e pasta sob o sovaco, diretor da Carteira Agrícola do banco xis, que pagou em silêncio a secretária o ano inteiro, já está apto a dar-lhes uma sonora cantada na primeira oportunidade. Durante os três dias e noites de folia, Eros mantém-se erecto, em posição de ataque, mas, com a Quarta-Feira de Cinzas, os instintos tendem a afrouxar, geralmente sob o estímulo de uma colossal ressaca. Pois, Carnaval é isso: libera os instintos, estimula os impulsos, quebra os grilhões do monstro que todos temos dormindo dentro de nós.

É claro que o Carnaval pode durar o ano inteiro, dependendo do estado de espírito ou do estado de graça (\$) do freguês, mas, convencionalmente, dura só três dias, no máximo quatro. Para os dicionaristas, é aquele período que vai da Epifania à Quarta-Feira de Cinzas. Para os psicólogos, vocês já sabem o que é. E para muita gente, Carnaval não é mais que uma mera abstração pois, mal trilam as apitos, correm para casa, arrumam as malas, desligam a televisão, o rádio e a TV, entram no carro e zarpam para longínquos

e insólitos recantos, esperando encontrar nesses rincões o sessêgo perdido para suas atividades habituais, de indivíduos com seus impulsos religiosamente em dia. O grande problema é que, como vocês sabem muito bem, vivemos na época que McLuhan classifica de the mass age, sem fronteiras, em distâncias. Vai daí que a primeira coisa que lhe pode acontecer ao chegar em Búzios ou Petrópolis, para fugir ao Carnaval, é deparar com as mesmas charangas e pandeiros abundantes aqui no Rio. Afinal, tanta gente procura esses lugares para fugir ao Carnaval que, aglomerando-se e sentindo-se sem o que fazer, imediatamente pensam em algo e esse algo vai ser sempre uns bailezinhos ao som de Emilinha Borba, só pra não dizer que não pularam Carnaval esse ano. E tome cuicas e reco-reco, e tome o bobeira do Rei Momo, e tome desfiles de coroas fantasiadas, e tome marchinhas horrorosas, e tome bêbedos chatos, e tome famigerados gurisguichando água na gente. E o fim da picada. Em Bebedouro ou Quixeramobim, em Conceição do Mato Dentro ou Moji das Cruzes, não adianta: onde houver um radinho de filha em funcionamento, haverá Carnaval. Portanto, se você não tem neuroses acumuladas e está com Eros em dia, aqui vai o melhor conselho: fique

na Rio, intramuros. O Carnaval vai passar e só você não vai ver.

Poderá, por exemplo, ficar em casa, herméticamente trancado, desde que esteja bem suprido, naturalmente. Primeiras providências: desligar tudo que significue contato com o mundo exterior, inclusive correr a persiana das janelas. Alguns livros que lhe poderão ser de leitura bem agradável em seu retiro espiritual: o Kama Sutra, A Summa Teológica, três ou quatro volumes da A La Recherche du Temps Perdu, o Finnegans Wake de James Joyce, os 32 volumes da História Universal de Césaire Cantu e alguns quilos de romances policiais. Outros apetrechos indispensáveis: baralhos (para jogar paciência), dados, fumo para cachimbo para matar o tempo inspecionando as janelas vizinhas, livrinhos de palavras cruzadas, pacotes de chicletes, discos de Rachmaninoff, Caruso e Mendelssohn, um penico, um horóscopo para o ano de 1970, uma esvóva de dentes, alguns sacarrólhas, um livro de ponto, etc. etc. O estoque de bebidas fica a seu critério, pois isso sempre é de cunho absolutamente pessoal. O resto serve para pessoas de qualquer idade e de ambos os sexos. Com este equipamento básico, o senhor estará apto a gozar tranquilamente os três dias em que o resto do mundo estará se estalfan-

do em abafados salões repletos de gente saltando insensatamente aos 41º. O Carnaval será uma remota lembrança, enquanto o senhor desfruta a merecida solidão.

Alguns extravagâncias lhe serão permitidas, caso um ligeiro complexo de culpa lhe assalte. Poderá ir, por exemplo, à praia, geralmente deserta nos dias de Carnaval. Afaste-se peremptoriamente, no entanto, dos radinhos transistores. Poderá mesmo refugiar-se nos trevas de um cinema, tomando cuidado antes de averiguar o programa, para saber se nos noticiários não haverá a exibição de algum grito de Carnaval de algumas semanas atrás. Se, assim mesmo, o seu ego espiocessar-lhe a concessão: liguá a televisão em algum canal carnavalesco, sem som, e deleite-se com as imagens de belas donzelas e nacos de carne em flor brotando generosamente dos sarongues no aparelho, como sói acontecer nos bailes televisados. Mas, isso será o máximo a que você irá permitir-se.

Forá isso, nada. MAIS DE UM É MULTIDÃO! Preserve sua individualidade. Se o senhor está realmente em dia com Eros, não precisará se preocupar. Goze o Carnaval à sua maneira, meditando profundamente nesses 3 dias de retiro espiritual. O resto do ano o espera.